



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
PUBLICIDADE E PROPAGANDA

**O FENÔMENO LINKEDIN E O NEOLIBERALISMO:  
DA REVOLUÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO AO  
EMPRESÁRIO DE SI**

**MARCOS VINÍCIUS LISBOA DA SILVA**

Rio de Janeiro

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
PUBLICIDADE E PROPAGANDA

**O FENÔMENO LINKEDIN E O NEOLIBERALISMO:  
DA REVOLUÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO AO  
EMPRESÁRIO DE SI**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social – Publicidade e  
Propaganda.

**MARCOS VINÍCIUS LISBOA DA SILVA**

**Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Rego Junqueira**

Rio de Janeiro

2021



# FICHA CATALOGRÁFICA

## CIP - Catalogação na Publicação

SS586f Silva, Marcos Vinícius Lisboa da  
O fenômeno LinkedIn e o neoliberalismo: da  
revolução da tecnologia da informação ao empresário  
de si / Marcos Vinícius Lisboa da Silva. -- Rio de  
Janeiro, 2020.  
60 f.

Orientadora: Maria Helena Rego Junqueira.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da  
Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:  
Publicidade e Propaganda, 2020.

1. LinkedIn. 2. Neoliberalismo. 3. Mídias sociais  
digitais. 4. Tecnologia da informação. 5. Trabalho.  
I. Rego Junqueira, Maria Helena, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

**O FENÔMENO LINKEDIN E O NEOLIBERALISMO: DA REVOLUÇÃO DA  
TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO AO EMPRESÁRIO DE SI**

**Marcos Vinicius Lisboa da Silva**

**Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Publicidade e Propaganda.**

Aprovado por

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Maria Helena Rego Junqueira – orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Marcio Tavares d'Amaral

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Luanda Dias Schramm

Aprovada em:  
20/07/2021

Grau: 10

Rio de Janeiro/RJ

2020.2

Aos meus pais, que, pelo exemplo, me  
mostraram quem são os verdadeiros heróis  
nesse mundo.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho representa a concretização de um sonho e o fim de uma viagem que transformou, para sempre, a minha vida. Estudar na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro foi talvez a melhor experiência que já vivi. Ao todo, foram cinco anos de muito aprendizado, amadurecimento e evolução pessoal, acadêmica e profissional. Acredito que sou, hoje, um ser humano melhor do que quando entrei, pela primeira vez, pelas portas do Palácio Universitário. Toda a riqueza dessa experiência se deve, principalmente, aos amigos, professores e familiares que compartilharam essa jornada comigo. Por isso, gostaria de dedicar essa seção para agradecer às pessoas que foram fundamentais durante toda essa minha trajetória.

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Jair e Andresa, que batalharam arduamente, desde muito cedo, para que eu pudesse ter acesso à melhor educação possível. Obrigado por nunca terem medido esforços para apoiar todos os meus sonhos e projetos. Eu não teria conseguido chegar aqui sem vocês.

Agradeço, de todo o meu coração, aos meus amigos, que sempre estiveram comigo, dando o apoio e suporte necessário para que eu pudesse seguir em frente. Compartilhar a vida acadêmica com vocês tornou tudo mais fácil, bonito, emocionante e divertido. Gostaria de fazer um agradecimento especial a Matheus Venâncio e Vitória Alves, que foram fundamentais para a concretização desse trabalho. Obrigado pelos conselhos, pelo acolhimento nos momentos de crise e pela troca sempre muito rica.

Agradeço à minha orientadora, Maria Helena Junqueira, que acreditou no projeto deste trabalho e me deu todo apoio e incentivo para realizá-lo. Obrigado pelas várias horas de videochamada disponibilizadas, com muito carinho, para orientar minha pesquisa e me ajudar a seguir em frente. É um prazer e uma honra tê-la como professora e amiga.

Um agradecimento todo especial também a Marcio Tavares e Luanda Schramm, professores que formam a banca avaliadora deste trabalho, por todo o conhecimento compartilhado e também por terem aceitado o convite. Saibam que é uma grande honra tê-los comigo nesse momento. Muito obrigado.

*Temos que falar sobre libertar mentes tanto quanto sobre libertar a sociedade.*

(Angela Davis)



SILVA, Marcos Vinícius Lisboa da. **O Fenômeno LinkedIn e o Neoliberalismo: da revolução da tecnologia da informação ao empresário de si**. Orientadora: Maria Helena Rego Junqueira. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2021.

## RESUMO

No contexto das sociedades globalizadas, as mídias sociais digitais se fazem cada vez mais presentes na vida das pessoas. Em um cenário socioeconômico marcado pela incerteza e competitividade, provocado pela ascensão do neoliberalismo no mundo, trabalhadores e trabalhadoras se veem forçados a encontrar mecanismos e estratégias eficazes para garantir a própria sobrevivência. Nessa conjuntura, novas ferramentas tecnológicas de mídia surgem para satisfazer as novas demandas de uma sociedade marcadamente caracterizada pelo risco. O LinkedIn, a primeira e mais popular mídia social digital de cunho estritamente profissional do mundo, é um exemplo dessas novas tecnologias. Esse trabalho, portanto, tem por objetivo investigar, de maneira aprofundada, que tipos de relações podem ser estabelecidas entre o fenômeno LinkedIn e o neoliberalismo. Para tanto, realiza uma revisão bibliográfica acerca dos principais temas que atravessam essa relação. Além de inserir o LinkedIn dentro de um contexto mais amplo de transformações econômicas, sociais e culturais, a pesquisa também identifica pontos de convergência entre o funcionamento da plataforma e a racionalidade neoliberal vigente nas sociedades no atual estágio do capitalismo.

**Palavras-chave:** LinkedIn; trabalho; neoliberalismo; mídias sociais.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 A TECNOLOGIA NÃO É NEUTRA: O LINKEDIN, A REVOLUÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E A GLOBALIZAÇÃO NEOLIBERAL .....</b>	<b>14</b>
2.1 LinkedIn: o que é e como funciona? .....	14
2.2 A história e a visão de mundo do LinkedIn.....	16
2.3 A Revolução da Tecnologia da Informação .....	20
2.4 O conceito e as origens da Globalização.....	22
2.5 A globalização neoliberal e o papel da tecnologia da informação .....	26
<b>3 AS TRANSFORMAÇÕES DO TRABALHO NO MUNDO NEOLIBERAL .....</b>	<b>30</b>
3.1 Afinal, o que é o neoliberalismo?.....	30
3.1.1 Desdobramentos da crise: a ascensão do neoliberalismo .....	32
3.2 As transformações do trabalho na era neoliberal .....	35
3.3 Uma vida de riscos: do trabalho flexível e precarizado ao LinkedIn .....	39
<b>4 A SUBJETIVIDADE NA MIRA DO NEOLIBERALISMO.....</b>	<b>45</b>
4.1 O empresário de si.....	45
4.2 Estabelecendo uma “marca profissional”: o LinkedIn e o sujeito neoliberal.....	50
4.3 Entre os algoritmos e a disciplina: o LinkedIn e a normalização da racionalidade neoliberal.....	52
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>59</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No mês de maio de 2003, vinha ao mundo uma nova mídia social digital que transformaria, de maneira bastante significativa, a vida profissional de milhões de trabalhadores e trabalhadoras em todo o mundo. Com uma proposta inovadora para a época, o LinkedIn nascia poucos anos depois do estouro da “bolha da internet”, crise de especulação financeira que levou mais de 500 empresas à falência até o início dos anos 2000<sup>1</sup>. Embora de maneira bastante inovadora, o LinkedIn prometia algo muito simples: fornecer o ambiente digital propício para o estabelecimento e manutenção de conexões profissionais. E, apesar do cenário de desconfiança generalizada com relação aos negócios da internet na época, o LinkedIn conseguiu crescer e, atualmente, figura no cenário internacional como a maior plataforma digital de cunho estritamente profissional do mundo. Com cerca de 750 milhões de usuários cadastrados hoje, a empresa, fundada por Reid Hoffman, alcançou a marca de quase 7 bilhões de dólares em faturamento no ano de 2020.

O LinkedIn não para de crescer. No Brasil, por exemplo, a plataforma já conta com mais de 43 milhões de usuários cadastrados, o que corresponde, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cerca de 40% da população brasileira economicamente ativa em 2020<sup>2</sup>. Sendo assim, um fato não pode ser contestado: o LinkedIn tem estado cada vez mais presente no cotidiano profissional dos trabalhadores e trabalhadoras não só do Brasil, mas também de todo o mundo. É desse fato, portanto, que surge o nosso interesse por esse objeto de pesquisa. A percepção da presença cada vez maior do LinkedIn na vida das pessoas e a observação de mudanças significativas na relação das mesmas com o trabalho são alguns dos fatores que animam essa investigação.

Além disso, dentro desse contexto, há algo mais que nos chama a atenção. Desde a invenção e o início da expansão do neoliberalismo, a partir de meados dos anos 1970, o mundo tem vivido uma série de transformações econômicas, sociais e políticas importantes. De acordo com autores como Michel Foucault (2004), Pierre Dardot e Christian Laval (2016), o neoliberalismo inaugurou uma nova forma de pensar e enxergar o mundo e o eu humano, que

---

<sup>1</sup> O estouro da Bolha PontoCom que quebrou mais de 500 empresas e é uma assombração até hoje. **Infomoney**, 2020. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/mercados/o-estouro-da-bolha-pontocom-que-quebrou-mais-de-500-empresas-e-e-uma-assombracao-ate-hoje/>> Acesso em: 11 de jul. de 2021.

<sup>2</sup> O desperdício da força de trabalho e a perda do bônus demográfico no Brasil. **UFJF**, 2020. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/ladem/2021/01/21/o-desperdicio-da-forca-de-trabalho-e-a-perda-do-bonus-demografico-no-brasil/>> Acesso em: 11 de jul. de 2021.

produziu mudanças significativas em todas as instâncias da vida coletiva e pessoal. O mundo do trabalho, por exemplo, é um dos setores da vida social e individual que não passou intacto por essas transformações. Desde o fim dos anos 1960, novas formas de organizar o sistema produtivo têm surgido, o mercado internacional tem se reconfigurado e a própria noção de trabalho tem passado por intensas mutações que são, pelo menos em parte, de acordo com diversos autores, atravessadas ou provocadas pela hegemonização da racionalidade neoliberal.

Dessa maneira, podemos dizer que o interesse da presente pesquisa nasce da suspeita de que existe uma relação possível de ser estabelecida entre o advento e funcionamento do LinkedIn e as mudanças sociais e subjetivas operadas pela expansão do neoliberalismo no mundo. O objetivo principal deste trabalho é, portanto, investigar que tipos de relações são essas e como elas se deram e ainda se dão na contemporaneidade. Em outras palavras, a ideia geral da pesquisa é inserir o fenômeno LinkedIn dentro desse contexto mais amplo de transformações sociais que vêm acontecendo no mundo e analisar quais são os pontos em que o surgimento e a operacionalização dessa plataforma de mídia social digital e o neoliberalismo se conectam.

Para alcançar esse objetivo, portanto, a metodologia adotada nesta pesquisa será a revisão bibliográfica. Tendo em vista a amplitude e diversidade de temas relevantes para a discussão proposta, vários autores, provenientes das mais distintas áreas do conhecimento, serão abordados ao longo dos capítulos deste trabalho. Contudo, é válido destacar pelo menos três dentre eles que se tornaram centrais e desempenharam um papel fundamental para a melhor compreensão do fenômeno estudado nesta oportunidade. O primeiro é Michel Foucault, especialmente a partir de *O Nascimento da Biopolítica* (2004), obra em que o teórico francês realiza um dos primeiros estudos mais detalhados e profícuos acerca da invenção e desenvolvimento do neoliberalismo no mundo. Já o segundo e o terceiro, Pierre Dardot e Christian Laval, são uma dupla de autores franceses que, mais recentemente, retomaram as discussões inauguradas por Foucault e desenvolveram análises também muito interessantes e relevantes sobre os desdobramentos sociais, políticos, econômicos e subjetivos do advento do neoliberalismo. Em *A Nova Razão do Mundo* (2016), obra fundamental para este trabalho, a dupla de autores franceses discute, de maneira aprofundada, as origens do pensamento neoliberal e as consequências, a níveis coletivos e individuais, da expansão dessa racionalidade no mundo.

A justificativa para a realização desta pesquisa, portanto, se dá principalmente em razão da quase total ausência de trabalhos científicos, no campo da comunicação social, acerca do

LinkedIn. Embora também possa ser inserido no amplo campo de estudos sobre as novas mídias sociais digitais, o LinkedIn não obteve tanta visibilidade e atenção dos estudiosos da área, especialmente quando levamos em consideração a enorme quantidade de trabalhos publicados sobre outras mídias sociais digitais, como Facebook, Twitter, Instagram, etc. Além disso, até a data de realização deste trabalho, nenhuma pesquisa sobre o LinkedIn, a partir da abordagem proposta aqui, foi encontrada.

Este trabalho, portanto, está estruturado em cinco capítulos. O primeiro deles, a presente introdução, tem como propósito apresentar o objetivo geral desta pesquisa e um resumo das principais discussões que serão realizadas ao longo dos demais capítulos. Já o segundo capítulo tem dois objetivos principais: o primeiro deles é fazer uma apresentação do objeto de pesquisa, o LinkedIn, em um percurso que parte da história de sua criação, passando por uma breve biografia de seu principal idealizador, até chegar, enfim, a uma descrição do funcionamento da plataforma digital nos dias de hoje; dando sequência, o segundo objetivo do capítulo é introduzir o LinkedIn dentro do contexto mais amplo das transformações sociais e tecnológicas em curso nas últimas décadas, em especial, da revolução da tecnologia da informação e da globalização neoliberal. A ideia é realizar uma articulação entre o advento das tecnologias da informação e os processos de hegemonização do capitalismo neoliberal via globalização, de maneira a argumentar que tais tecnologias não são neutras e que as mesmas exercem funções estratégicas no desenvolvimento dessas novas configurações sociais. Para tanto, serão apresentados, principalmente, os estudos desenvolvidos por Manuel Castells e Octavio Ianni em *A Sociedade em Rede* (1999) e *Teorias da Globalização* (2001), respectivamente.

Tendo em vista a inserção do fenômeno LinkedIn em um contexto social mais amplo e buscando os seus pontos de convergência com o neoliberalismo, o terceiro capítulo também apresenta dois objetivos principais. O primeiro deles é fornecer um panorama geral sobre o conceito de neoliberalismo e sobre o modo em que se deu sua expansão no mundo. Para isso, serão discutidas as visões de autores como David Harvey, a partir da obra *Neoliberalismo: história e implicações* (2008) e, especialmente, Pierre Dardot e Christian Laval no livro *A Nova Razão do Mundo* (2016). Depois disso, o capítulo se voltará para as consequências e implicações da expansão da razão neoliberal para o mundo do trabalho. A ideia é compreender de que maneira as transformações que se deram nesse campo em função do neoliberalismo forneceram as bases culturais e materiais para que o LinkedIn pudesse surgir e se desenvolver. Para isso, nos apoiaremos nos estudos de um dos principais sociólogos brasileiros do trabalho, Ricardo Antunes, principalmente a partir de sua obra *Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a*

*afirmação e a negação do trabalho* (1999), e também nos desenvolvimentos de Dardot e Laval (2016), Zygmunt Bauman (2001) e Giovanni Alves (2007).

O quarto capítulo do trabalho tem como foco principal a compreensão da relação entre o LinkedIn e a nova forma em que a subjetividade humana se apresenta no contexto das sociedades neoliberais. Para isso, primeiramente, é discutido o conceito de “empresário de si”, proposto por Foucault (2004) e desenvolvido também por Dardot e Laval (2016), que descreve o entendimento neoliberal do eu humano enquanto uma empresa a ser gerida. A partir dessa discussão, nos concentraremos na maneira como os algoritmos do LinkedIn parecem buscar moldar o comportamento dos usuários no contexto da plataforma, incentivando-os a pensarem a relação consigo mesmos e com os outros por esse viés do empresário de si. Para uma análise crítica desse fenômeno, serão abordados também os debates de Foucault acerca das sociedades disciplinares e os mecanismos de vigilância e punição, buscando uma articulação com os algoritmos do LinkedIn.

As considerações finais, indicadas no quinto e último capítulo deste trabalho, resumem algumas das ideias principais trabalhadas ao longo da pesquisa. Apontam-se ainda as limitações teóricas do trabalho e propõe-se novos caminhos para futuras pesquisas realizadas sobre o mesmo tema.

## 2 A TECNOLOGIA NÃO É NEUTRA: O LINKEDIN, A REVOLUÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E A GLOBALIZAÇÃO NEOLIBERAL

*“A tecnologia não é nem boa, nem ruim e também não é neutra.”*

*Melvin Kranzberg*

Tendo em vista o apontamento de possíveis caminhos de investigação acerca da principal questão que suscita a presente pesquisa, a saber, que tipos de relações se pode estabelecer entre o LinkedIn e o neoliberalismo, este capítulo perseguirá alguns objetivos. O primeiro deles é oferecer uma descrição detalhada do nosso objeto de pesquisa, o LinkedIn, desde a maneira em que funciona até a história do seu desenvolvimento. Em seguida, analisaremos a história do aparecimento e desenvolvimento das novas tecnologias da informação, evento do qual o LinkedIn é fruto, e sua profunda relação com o processo de globalização neoliberal e expansão da racionalidade capitalista contemporânea.

### 2.1 LinkedIn: o que é e como funciona?

O LinkedIn é uma mídia social digital de cunho profissional. Isso significa que a plataforma funciona de maneira muito parecida com outras mídias sociais como o Facebook, Instagram e Twitter, porém com um objetivo distinto das demais: estabelecer conexões com outros profissionais e empresas a fim de obter certa vantagem no mercado de trabalho. Essa vantagem vem, principalmente, da possibilidade de saber de oportunidades de trabalho em primeira mão e de estar mais visível e, conseqüentemente, presente “na mente” das pessoas que podem oferecer essas oportunidades.

A mídia social digital funciona da seguinte maneira: primeiramente, o usuário cria um perfil na plataforma com informações a respeito da própria trajetória profissional — onde trabalhou, que funções exerceu, qual a formação acadêmica, onde estudou e um pequeno resumo sobre si mesmo. Criado o perfil, o usuário pode começar a estabelecer conexões com outros usuários e também interagir com os mesmos. A plataforma também conta com uma *timeline* que os usuários podem utilizar para criar e compartilhar postagens (textos, vídeos ou fotos) sobre qualquer coisa relacionada ao mundo do trabalho: conteúdos sobre o ramo de

especialidade, vagas de emprego ou projetos, *insights* sobre carreira e vida profissional, conquistas profissionais, entre outras coisas. Os usuários também podem interagir através das postagens com comentários e reações (de forma bastante semelhante ao Facebook). E há também uma caixa de mensagens onde é possível conversar com outros usuários de maneira particular.

O algoritmo da plataforma — a forma com que a mídia social funciona, privilegiando o aparecimento de uma determinada postagem em detrimento de outra, dando mais visibilidade para um usuário do que outro, etc. — é bastante curioso. Diferentemente de outras mídias sociais digitais, o LinkedIn divulga a forma com que seus algoritmos funcionam. Isso permite que os usuários possam se adaptar ao funcionamento da plataforma com o objetivo de adquirir mais relevância e visibilidade dentro da mesma. Em outras palavras, o LinkedIn estabelece quais são as características principais dos perfis com maior chance de obter sucesso na rede e, dessa maneira, os usuários podem passar a performar essas características. O *Social Selling Index* (SSI), criado pelo próprio LinkedIn, é uma ferramenta que permite ao usuário calcular sua eficácia geral em relação a essas características. Observa-se que boa parte desses critérios se expressam na atitude que os usuários têm dentro da rede. Segundo o LinkedIn<sup>3</sup>, esses critérios são:

1. Estabelecimento de marca profissional: complete seu perfil tendo seu cliente em mente. Publique conteúdo útil para se tornar um líder inovador no setor.
2. Localização das pessoas certas: Encontre os clientes certos com mais precisão em menos tempo utilizando ferramentas de pesquisa eficazes.
3. Interaja oferecendo insights: Compartilhe atualizações que iniciem o diálogo e fortaleçam relacionamentos.
4. Cultive relacionamentos: Cultive relacionamentos com decisores para fortalecer sua rede.

Os trabalhadores não são os únicos que podem fazer uso e se beneficiar da plataforma: as empresas também podem ter e administrar perfis no LinkedIn. Com isso, as empresas podem não só encontrar potenciais candidatas para preencherem seus quadros de funcionários, mas também divulgar seus produtos e/ou serviços e realizar o que se chama de *branding* corporativo,

---

<sup>3</sup> THE SOCIAL SELLING INDEX. **LinkedIn**, 2021. Disponível em: <<https://business.linkedin.com/sales-solutions/social-selling/the-social-selling-index-ssi/>>. Acesso em: 02 de mai. de 2021



ou seja, o conjunto de ações de comunicação para projeção de imagem e posicionamento de marca que tornam a empresa um lugar para se trabalhar desejado.

Dessa forma, há uma diversidade de fontes de receita que o LinkedIn explora. Em primeiro lugar, a plataforma lucra através da venda de assinaturas *Premium* em que usuários e empresas podem ter acesso a recursos e ferramentas mais robustas e exclusivas para potencializar o uso da mídia social digital. Há ganhos também por meio de propaganda direcionada, que é útil principalmente para empresas e usuários que trabalham em negócios que focam em um público mais especializado. O LinkedIn também oferece um serviço especializado que conecta vendedores e compradores, o *LinkedIn Sales Navigator*. Todos esses produtos visam tornar a plataforma cada vez mais atrativa e útil para os usuários, além de potencializar os lucros da empresa, que, segundo estimativas de escritórios de consultoria<sup>4</sup>, chegaram à marca de 6,75 bilhões de dólares em 2020.

## 2.2 A história e a visão de mundo do LinkedIn

“A era LinkedIn: A maior rede social corporativa do mundo, comprada pela Microsoft por US\$ 26,2 bilhões, se torna obrigatória e dispara em meio à pandemia. O *networking*, em tempos de desemprego, nunca esteve tão valorizado<sup>5</sup>”. Esses são o título e o subtítulo da matéria de capa do portal da IstoÉ Dinheiro de maio de 2020. Há aqui elementos muito interessantes que podem servir de guia para uma melhor compreensão da história e do funcionamento do LinkedIn, além de nos permitir ter uma visão mais aprofundada da importância e influência que a plataforma exerce hoje no mercado de trabalho mundial. O primeiro deles é: o LinkedIn é a maior mídia social digital corporativa do mundo. De acordo com o site oficial da empresa<sup>6</sup>, a plataforma conta com mais de 750 milhões de usuários cadastrados atualmente. Tamanho sucesso é fruto de uma longa história, uma das mais antigas em comparação com outras mídias sociais: foram necessários quase 18 anos até que a empresa pudesse atingir esse feito.

O LinkedIn nasce em 2002, na sala de estar de Reid Hoffman, principal idealizador da plataforma. Hoffman já era um executivo de sucesso e bastante conhecido no Vale do Silício (Califórnia, Estados Unidos) a essa altura, tendo feito parte da diretoria e mais tarde se tornado vice-presidente executivo do Paypal, hoje um dos principais serviços de pagamento online do

---

<sup>4</sup> A era LinkedIn. **IstoÉ Dinheiro**, 2020. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/a-era-linkedin/>>. Acesso em: 01 de mai. de 2021.

<sup>5</sup> Id., 2020.

<sup>6</sup> LINKEDIN. **LinkedIn**, 2021. Página inicial. Disponível em: <<https://about.linkedin.com/pt-br/>>. Acesso em: 02 de mai. de 2021

mundo, nos primeiros anos após a fundação da empresa. Hoffman, que já tinha a ideia da mídia social há algum tempo, reuniu então alguns de seus colegas e parceiros de projetos anteriores para tirar a ideia da cabeça e colocar o LinkedIn em funcionamento. A plataforma foi lançada em maio de 2003.

Diferentemente de outras mídias sociais (como o Facebook e o Twitter), o LinkedIn não foi um caso de estrondoso sucesso logo de início. Foram necessários mais de dois anos para que a plataforma atingisse o número de dois milhões de usuários cadastrados. Isso pode ser explicado, em parte, pelo fato de que, no ano de 2003, a internet ainda não era tão difundida como passou a ser anos depois. Porém, talvez essa relativa lentidão no crescimento da plataforma possa ser explicada também pelo fato de que se tratava de uma tecnologia que ninguém sabia muito bem para que servia ou como poderia funcionar. De certa maneira, os usuários foram ensinados a como utilizá-la e a entender quais benefícios poderiam extrair dela ao longo do tempo.

No Brasil não foi diferente. A empresa abriu o primeiro escritório no Brasil só em 2011, quando a plataforma contava com cerca de 6 milhões de usuários brasileiros. Em entrevista<sup>7</sup>, Milton Beck, diretor geral do LinkedIn no Brasil e na América Latina, explica que ele e sua equipe faziam visitas às empresas para explicar como a plataforma poderia ajudar no processo de seleção de candidatos para as vagas disponíveis. Em outras palavras, era necessário que se demonstrasse que a rede era funcional e poderia servir aos interesses de todos. "Um trabalho de formiguinha", diz o executivo. Há aqui, portanto, como podemos observar, uma estratégia pedagógica muito clara no sentido de delimitar e criar necessidades outrora inexistentes ou não delimitadas para lhes oferecer uma solução. Nesse sentido, o LinkedIn pode ser visto, portanto, mais como um projeto de como as coisas poderiam funcionar do que propriamente uma solução para um problema já existente. Hoje com 43 milhões de usuários cadastrados, o Brasil ocupa o quarto lugar no ranking mundial de países que mais utilizam o LinkedIn, perdendo apenas para os Estados Unidos (onde nasceu), China e Índia (com seus números de habitantes na casa dos bilhões).

Essa visão estratégica de educar os usuários para utilização da plataforma talvez possa ser explicada, pelo menos em parte, pela trajetória e os ideais do criador do LinkedIn. Reid Hoffman nasceu na cidade de Palo Alto, Califórnia, em 1967. Filho de advogados bem

---

<sup>7</sup> A era LinkedIn. **IstoÉ Dinheiro**, 2020. Disponível em: < <https://www.istoedinheiro.com.br/a-era-linkedin/>>. Acesso em: 01 de mai. de 2021.

sucedidos, viveu a infância e a adolescência como a maioria dos filhos da classe média alta norte-americana. Em 1987, Hoffman ingressa na prestigiada Universidade de Stanford onde obtém dois diplomas de bacharelado, um em Ciências Cognitivas e outro em Sistemas Simbólicos, um curso relativamente novo na época, que misturava disciplinas de ciências da computação, lógica matemática, filosofia, linguística e psicologia.

O grande idealizador do LinkedIn sempre teve um profundo interesse em filosofia, mas se aprofundou e se destacou na matéria durante a faculdade, o que lhe garantiu, após a formatura em 1990, uma bolsa de estudos de pós-graduação na Universidade de Oxford (Inglaterra) para se dedicar mais ao tema. Em entrevista ao canal *Corporate Valley*<sup>8</sup>, Hoffman afirma que seu grande sonho, durante a graduação, era ser um intelectual público importante que tivesse impacto na sociedade. Até então, nunca havia pensado em ser um empreendedor, porém, ao voltar da Inglaterra, decidiu que começaria a trabalhar para sustentar financeiramente o sonho de ser um acadêmico. Foi quando ele conseguiu um trabalho na então Apple Computers INC.

Hoffman fala, em diversas oportunidades, sobre seu interesse pela filosofia e seu objetivo de impactar a vida das pessoas de maneira significativa. Nessa mesma entrevista a *Corporate Valley*, o empresário diz que, no meio da sua trajetória profissional, se deu conta de que ser um empreendedor do ramo de *softwares* — entendido por ele como uma forma de mídia — poderia ter até mais impacto na sociedade do que o trabalho de um intelectual público. Nas palavras dele:

Quando eu pensava sobre intelectuais públicos, o tipo clássico de autores de livros e ensaios, eu me dei conta de que essas eram formas antigas de mídia. Mas há novas formas de mídia, e a mídia é o design ou a forma pela qual os intelectuais podem operar. Portanto, na verdade, os softwares estão transformando o mundo, e há muitas maneiras diferentes nas quais os softwares podem afetar a forma como pensamos sobre nós mesmos, como nos comunicamos, como formamos uma imagem de como o mundo funciona e como nos conectamos uns com os outros.<sup>9</sup> (HOFFMAN, 2016, tradução nossa)

Em uma outra entrevista concedida para o portal da revista norte-americana *Wired*<sup>10</sup>, em 2012, Hoffman diz que, em dado momento, chegou à conclusão de que passar décadas como pesquisador tentando encontrar uma resposta adequada para uma única questão filosófica talvez

<sup>8</sup> Disponível em: < <https://youtu.be/v4Z50S6Xmv8/>> Acesso em: 03 de mai. de 2021.

<sup>9</sup> No original: “When I was thinking about public intellectuals, the kind of classic author of essays and books, I realized that that’s an old-school form of media. But there are other forms of media, and media is the design or the form that public intellectuals can operate in. So, actually softwares are transforming the world and there’s all kinds of different ways that softwares affect how we think of ourselves, how we communicate, how we form an image of how the world works and how we connect with each other”. Disponível em: < <https://youtu.be/v4Z50S6Xmv8/>> Acesso em: 03 de mai. de 2021

<sup>10</sup> ROWAN, David. For LinkedIn Founder Reid Hoffman, Relationships Rule the World. *Wired*, 20 de mar. de 2012. Disponível em: < <https://www.wired.com/2012/03/ff-hoffman/>> Acesso em: 03 de mai. de 2021.

não tivesse tanto impacto no mundo. Nas palavras do empresário, “a academia não era a plataforma certa. Não tinha escala suficiente. Então decidi ser um empreendedor de *software*”<sup>11</sup>. Pode-se observar que, para Hoffman, a criação do LinkedIn, portanto, era muito mais do que apenas um trabalho: era uma maneira de transmitir suas ideias e de impactar o mundo e as pessoas de maneira significativa, inclusive em aspectos que extrapolam a simples satisfação de uma necessidade através de um serviço/produto.

Em fevereiro de 2012, Hoffman lança seu primeiro livro em coautoria com Ben Casnocha, um outro empresário e investidor milionário da Califórnia. O livro “*The Start-up of You*”, que foi traduzido para o português como “Comece por Você: adapte-se ao futuro, invista em você e transforme a sua carreira”, defende a ideia de que todo indivíduo é, na verdade, uma pequena empresa. Dessa forma, para sobreviver em um mercado de trabalho cada vez mais instável, o profissional deve estar atento ao mundo ao redor e se adequar às mudanças da mesma maneira que as empresas se adequam, em especial as *start-ups*, para obter sucesso. Na sinopse da edição brasileira, podemos encontrar um resumo interessante das ideias do livro:

Todos os degraus da escada rolante estão abarrotados de gente. As taxas de desemprego estão nas nuvens. A disrupção criativa está estremecendo todos os setores. A concorrência por empregos é acirrada em nível global. O pacto empregado-empregador chegou ao fim e a estabilidade no emprego é coisa do passado. Aqui, o cofundador e presidente do LinkedIn, Reid Hoffman, e o autor Ben Casnocha mostram como acelerar o ritmo de sua carreira no mundo competitivo de hoje. A saída é administrar sua carreira como se ela fosse uma startup: você, uma startup viva, respirando, crescendo. Por quê? As startups – e os empreendedores que as dirigem – são ágeis. Eles investem em si mesmos. Constroem suas redes profissionais. Correm riscos inteligentes. Fazem a insegurança e a volatilidade trabalharem em seu favor. Essas são as mesmas habilidades de que os profissionais precisam para ter sucesso nos dias de hoje.<sup>12</sup>

Todas essas informações até aqui apresentadas a respeito do LinkedIn e de seu fundador indicam a possibilidade de elaboração de algumas hipóteses importantes para o presente trabalho. A primeira delas é a de que o surgimento de uma nova tecnologia é sempre o produto materializado da imaginação de uma ou mais pessoas que estão inseridas em determinado contexto social, político e econômico e, portanto, essa tecnologia provavelmente reproduzirá a visão de mundo dessas mesmas pessoas ou grupos. Além disso, a tecnologia pode também servir para veicular uma visão de mundo ou um tipo específico de racionalidade de modo a

---

<sup>11</sup> Id., 2012. No original: “‘Academia wasn't the right platform,’ he says. ‘It didn't have enough scale. So I decided I would be a software entrepreneur instead’”. Tradução nossa.

<sup>12</sup> Disponível em: < <https://www.amazon.com.br/Comece-Por-Voc%C3%AA-Adapta-se-Transforme/dp/855080729X/>> Acesso em: 03 de mai. de 2021.

impactar os sujeitos que dela fazem uso, transformando a maneira como enxergam o mundo e a si mesmos.

Dessa forma, as próximas seções deste capítulo serão dedicadas a investigar, de maneira mais aprofundada, as possíveis relações que se pode estabelecer entre a tecnologia, a sociedade e os sujeitos. Mais especificamente, analisaremos como a história da criação e do desenvolvimento das novas tecnologias da informação e da comunicação estão diretamente relacionadas ao surgimento e desenvolvimento da globalização neoliberal e, portanto, da expansão da racionalidade capitalista contemporânea. Dessa maneira, poderemos oferecer uma argumentação mais consistente e teoricamente embasada a respeito das hipóteses de que a tecnologia, de fato, responde ao contexto social, econômico e cultural em que está inserida e que a mesma pode afetar a vida das pessoas de forma significativa.

### **2.3 A Revolução da Tecnologia da Informação**

Muitas foram as transformações realizadas nos modos de ser, estar e se relacionar no mundo operadas pelo desenvolvimento tecnológico e o advento da internet, principalmente nas últimas três décadas. Essas mudanças foram de tal maneira importantes que diversos autores sustentam a tese de que, na realidade, elas configuram uma verdadeira revolução (CASTELLS, 1999; LÉVY, 1999). Entretanto, para os propósitos do presente trabalho, algumas perguntas se tornam fundamentais e necessárias: de que tipo de revolução estamos tratando? Como ela se caracteriza? Quais são as suas causas e as suas principais consequências?

Para Manuel Castells (1999), importante sociólogo da contemporaneidade que tem se dedicado a pensar tais questões, a civilização humana viveu, a partir das últimas duas décadas do século XX, um momento de ruptura na história, marcado pela invenção convergente de um conjunto de tecnologias nas áreas da microeletrônica, computação (*hardware* e *software*), telecomunicações e optoeletrônica. Juntas, todas essas inovações transformaram de maneira radical o modo como vivemos, trabalhamos, aprendemos e entendemos o mundo. Esse evento histórico disruptivo, portanto, tomou grandes proporções, gerando importantes consequências e expandindo-se exponencialmente no mundo em razão, principalmente, segundo o autor, da sua importante capacidade de “criar uma interface entre campos tecnológicos mediante uma linguagem digital comum na qual a informação é gerada, armazenada, recuperada, processada

e transmitida” (CASTELLS, 1999, p.68). Vivemos agora em um mundo digital, sustenta o autor.

Ainda segundo Castells (1999), essa série de transformações podem caber dentro do termo “Revolução da Tecnologia da Informação”, uma vez que esse conjunto de mudanças impõe “um padrão de descontinuidade nas bases materiais da economia, sociedade e cultura” (Idem, p.68) e constituem um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação. Nesse sentido, embora distintas em diversos aspectos, a atual revolução pode ser encarada como um evento histórico de igual ou até mesmo maior importância que a Revolução Industrial do século XVIII.

A tecnologia da informação é para esta revolução [a Revolução da Tecnologia da Informação] o que as novas fontes de energia foram para as revoluções industriais sucessivas, do motor a vapor à eletricidade, aos combustíveis fósseis e até mesmo à energia nuclear, visto que a geração e distribuição de energia foi o elemento principal na base da sociedade industrial (CASTELLS, 1999, p.68)

Dessa maneira, a Revolução da Tecnologia da Informação pode ser caracterizada enquanto tal porque apresenta um alto grau de penetrabilidade, ou seja, a capacidade de penetrar todos os domínios da atividade humana, alterando a própria forma pela qual essa atividade é exercida. Segundo Castells (1999), o foco, portanto, está especialmente na transformação dos processos, que conseqüentemente acabam por induzir também o surgimento de novos produtos. Pode-se observar claramente esse aspecto da atual revolução se considerarmos, por exemplo, o vasto impacto que o surgimento dos computadores pessoais obteve sobre o mercado de trabalho, não só automatizando diversas tarefas cotidianas e repetitivas dos trabalhadores, mas também produzindo outras formas de trabalhar e fazendo surgir até mesmo outros tipos de atividades laborais.

De acordo com Castells, portanto, a Revolução da Tecnologia da Informação tem ganhado força e amplificado seu poder na medida em que tem se difundido pelo mundo e os usuários começam a se apropriar das tecnologias. Segundo o autor, os computadores, sistemas de comunicação e demais tecnologias da informação se tornaram extensões da mente humana. Dessa maneira, essa maior integração entre mentes e máquinas tem provocado profundas transformações na maneira em que vivemos, aprendemos, trabalhamos, produzimos, consumimos, nascemos e morremos. Portanto, é justamente por conta desse caráter fundamentalmente transformador do atual processo de desenvolvimento tecnológico que podemos atribuir ao mesmo o termo revolução. E é precisamente devido a sua potência revolucionária que devemos nos aprofundar nos estudos desse fenômeno.

Para Castells (1999), a Revolução da Tecnologia da Informação também apresenta profundas relações com o desenvolvimento da globalização. Toda a sua obra “A Sociedade em Rede” se dedica justamente a investigar e descrever as mudanças ocorridas no fim do século XX que resultaram no aparecimento de uma sociedade globalizada e organizada em redes através das novas tecnologias da informação. Nas próximas seções, portanto, nos deteremos um pouco sobre a questão da globalização, a sua relação com a tecnologia da informação e o neoliberalismo.

#### **2.4 O conceito e as origens da Globalização**

A Revolução da Tecnologia da Informação forneceu as bases materiais fundamentais para o início e o desenvolvimento do importante processo de reestruturação do capitalismo e do espaço social em escala mundial, a partir as últimas décadas do século XX, que se costuma chamar de globalização (CASTELLS, 1999). O conceito de globalização foi e ainda é bastante difundido não só nos campos de pesquisa das ciências sociais e humanas, mas também nos diversos meios e veículos de comunicação. Diante, portanto, das múltiplas vozes acerca do tema, torna-se uma tarefa difícil definir bem o que se quer dizer com o termo globalização. Sendo assim, o presente tópico tem por objetivo apresentar uma possível definição do conceito de globalização, além de investigar de que forma esse processo se desenvolve na contemporaneidade.

Há um debate relativamente acalorado dentro das ciências sociais a respeito do conceito de globalização. Por outro lado, muitos autores fazem uso do termo sem indicar, de maneira explícita, o que querem dizer com o mesmo. De acordo com Ramos (2005), há pelo menos cinco definições mais amplas do conceito de globalização. Porém, apenas uma delas parece descrever de maneira precisa e adequada o fenômeno.

Ramos (2005) entende a globalização enquanto um processo de desterritorialização. Isso significa, principalmente, que a globalização implica em uma reconfiguração radical da geografia social, especialmente no que diz respeito à natureza do espaço social e das trocas sociais. Esse conceito, portanto, nos permite compreender que a globalização é muito mais do que a intensificação dos fluxos de comércio, pessoas e capital pelo globo. Trata-se, na verdade, de uma transformação tão significativa na organização espacial que enreda os Estados e as sociedades em sistemas mundiais e redes de interação, de maneira que “a ocorrência de

fenômenos distantes pode passar a gerar impactos internos ao passo que fenômenos anteriormente locais repercutem globalmente” (RAMOS, 2005, p.103).

É importante ressaltar o papel fundamental que a configuração do espaço social desempenha no estabelecimento e na manutenção das relações sociais. A produção do espaço social influencia uma série de aspectos da vida coletiva, como as formas de produção, distribuição, acumulação, governo, identidade e comunidade em uma determinada sociedade (RAMOS, 2005). Nesse sentido, portanto, a globalização representaria uma transformação fundamental no entendimento e na produção do espaço baseado na ideia do territorialismo (SCHOLTE, 2000). Isso significa que, antes da globalização, o macro espaço social era essencialmente constituído por “lugares”, unidades de território bem definidas que dizem respeito à uma localização fixa dentro de um determinado mapa. A partir disso, se instituiriam as ideias de distância, que se refere à conexão de pontos intermediários que conectam dois lugares em um mapa, e de fronteira, que diz respeito às linhas imaginárias que separam as diferentes unidades de lugares desse mapa.

Uma série de fenômenos sociais contemporâneos desconectados da lógica territorialista de conceber o espaço social podem servir de ilustração para entendermos melhor o conceito de globalização. As novas transações financeiras, por exemplo, viabilizadas por inúmeras inovações tecnológicas nos setores das telecomunicações e da computação, que permitem conectar diferentes agentes econômicos dos mais distantes lugares do globo, eliminando assim possíveis barreiras ao fluxo de capital. Podemos citar também o processo de descentralização da produção capitalista, que atualmente se distribui em diversas localidades a fim de reduzir custos e maximizar lucros. Há ainda o crescente interesse por problemas agora pensados de maneira global, como a questão do meio ambiente pode exemplificar bem, que revelam a substituição de uma racionalidade mais local por uma mais global. Cabe notar que todos esses exemplos apontam para a decadência dessa concepção do espaço em termos de territórios fixos, fronteiras e distâncias. A globalização é, portanto, a expressão da redefinição do espaço social em termos supraterritoriais e transplanetários, e pode ser identificada nas circunstâncias nas quais a lógica territorialista é ultrapassada.

A globalização é um fenômeno multidimensional. Consequentemente, determinar, de maneira precisa, quais são as causas preponderantes do aparecimento e desenvolvimento desse fenômeno é motivo de grande debate entre os estudiosos do tema. Para alguns, a revolução da tecnologia da informação foi e é o principal motor da globalização; para outros, o papel dos Estados na construção de marcos regulatórios e na promoção do fluxo do comércio



internacional seria a principal causa da globalização. Diante da complexidade do problema, Boaventura de Sousa Santos (2002) afirma que seria, no mínimo, inadequado rejeitar totalmente quaisquer marcos teóricos e interpretações acerca da globalização: diferentes perspectivas e recortes sobre o processo em questão podem ser admitidos, até mesmo de forma a complementar outros entendimentos, tendo em vista uma melhor compreensão do fenômeno. Contudo, para os fins estabelecidos da presente pesquisa, torna-se fundamental analisar de maneira mais aprofundada o aspecto político-econômico da globalização, principalmente, no que diz respeito ao que representa para o atual processo de desenvolvimento do capitalismo.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar o fato de que, desde que surgiu na Europa, o capitalismo apresenta uma clara tendência à mundialização e internacionalização. Essa ideia está presente em diferentes autores dos mais díspares espectros políticos, de Adam Smith até Karl Marx, passando por David Ricardo, Herbert Spencer e Max Weber (IANNI, 2001). Em certo sentido, o capitalismo só pode existir na medida em que pode se expandir. Nas palavras de Marx e Engels: “a necessidade de um mercado em constante expansão compele a burguesia a avançar por todo o globo terrestre. Ela precisa fixar-se em toda parte, estabelecer-se em toda parte, criar vínculos em toda parte” (MARX; ENGELS, 1998, p. 8). Em outras palavras, os autores sustentam que o capital tende a destruir toda a barreira espacial oposta ao comércio, e tem por objetivo submeter todo o planeta à sua lógica de mercado.

É importante também salientar que, pelo menos na concepção marxiana, o capitalismo não é pura e simplesmente um processo econômico de produção de bens materiais; é também um modo de relação social que se estabelece entre os seres humanos, e produz um tipo específico de civilização, gerando consequências importantes nas mais diversas esferas da vida humana e da sociedade (RAMOS, 2005). De certa maneira, a partir dessa ideia, pode-se concluir que, em alguma medida, a sociedade se transforma na medida em que o capitalismo se reinventa e se expande, crise após crise. Resumidamente, a expansão do capitalismo representaria também a difusão de um determinado modelo de viver e compreender a realidade.

Ora, a globalização pode ser entendida, portanto, enquanto um fenômeno social resultante de inúmeros fatores que, contudo, só pôde surgir e se desenvolver (no sentido que postulamos anteriormente) porque inscrita em um determinado momento da história do desenvolvimento capitalista e por exercer determinada função dentro do mesmo. Isso pode ser verificado através do histórico do surgimento da globalização e no modo com que a mesma se desenvolveu e se expressa na contemporaneidade.

O aumento do fluxo do comércio internacional, a derrubada de barreiras comerciais protecionistas, a mobilização e distribuição da produção pelo mundo inteiro visando a redução de custos, a expansão e criação de mercados globais, o desenvolvimento de aparatos tecnológicos de comunicação digital, todos esses fenômenos são característicos da globalização e surgem a partir de um momento de crise do sistema capitalista. Essa crise sistêmica teve início em meados dos anos 1960, mas atingiu seu ápice na década de 70 com o agravamento da crise do petróleo, insumo energético que constituiu o paradigma da civilização do século XX (GASPAR, 2015). A crise teve consequências graves para o mundo, em especial para os países mais ricos, levando muitos deles à recessão econômica: forte redução dos investimentos e da produção, aumento da inflação e do desemprego (CARCANHOLO, 2010). Para Ricardo Antunes (2000), essa crise, que o mesmo define como estrutural, também foi resultado da falência do Estado de bem-estar social implementado no pós-guerra e do esgotamento do modelo taylorista/fordista de produção.

Dessa forma, pode-se depreender que a globalização se configurou como um elemento decisivo na resposta à crise estrutural do capitalismo dos anos 1970. A reformulação radical dos modelos de organização social e produtiva, a redefinição do espaço social mundial, a expansão dos fluxos do comércio, a desregulação dos mercados financeiros e todos os demais aspectos atribuídos ao fenômeno que se chama de globalização foram fundamentais para o projeto de reestruturação do capitalismo pós-crise. Não é à toa que o processo de globalização se intensifica justamente dentro desse contexto. Para Ianni (2001), a formação de um espaço e de um consenso mundial caracteriza a globalização como um projeto de expansão do sistema capitalista e da ampliação do seu poder no mundo.

Contudo, como dito anteriormente, trata-se de um projeto, ou seja, a globalização adquiriu determinada forma, definida por uma série de atores políticos e econômicos importantes, a partir de um viés neoliberal (SANTOS, 2002; KRISHNA, 2009). Nesse sentido, Fernando Alcoforado (1997) é enfático ao dizer que: “a tese da globalização está sendo colocada como um imperativo para a superação da crise estrutural do sistema capitalista mundial. Sem a globalização, o sistema capitalista mundial seria levado à bancarrota” (ALCOFORADO, 1997, p.16). Em outras palavras, o modelo de globalização que se desenvolveu no mundo, principalmente a partir dos anos 1970, foi “eleito” enquanto resposta à crise capitalista e tem sido imposto como único modelo possível. A globalização representa, portanto, acima de qualquer coisa, um problema de natureza política.

## 2.5 A globalização neoliberal e o papel da tecnologia da informação

A crise estrutural do sistema capitalista dos anos 1970, como a define Ricardo Antunes (2000), exigiu que o mundo se transformasse para que a lógica e os domínios do capital pudessem continuar se expandindo. Dentro desse contexto, a globalização neoliberal assume um papel fundamental no processo de reestruturação do capitalismo mundial. Contudo, para uma melhor compreensão do argumento, é necessário, antes de tudo, estabelecer o que se quer dizer com o conceito de globalização neoliberal.

Em primeiro lugar, é preciso saber diferenciar os conceitos de globalização, neoliberalismo e globalização neoliberal. Tratam-se de três ideias distintas, embora haja certa correlação entre elas. A globalização, como discutido anteriormente, corresponde, resumidamente, à reconfiguração do espaço social nos termos territorialistas, ou seja, a decadência de uma configuração em que os espaços se definem essencialmente em termos de lugares, fronteiras e espaços fixos em determinado mapa (RAMOS, 2005). Já o neoliberalismo pode ser definido, de maneira breve, de acordo com Pierre Dardot e Christian Laval (2016), enquanto a racionalidade do capitalismo contemporâneo (pós anos 70), ou seja, um “conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16-17). Enquanto racionalidade, o neoliberalismo, portanto, aplica a lógica do capital aos mais diversos setores da vida individual e coletiva. Sendo assim, não poderia ser diferente com respeito à globalização.

A globalização neoliberal pode ser compreendida, portanto, enquanto o gerenciamento político, nos termos do neoliberalismo, do processo de globalização (RAMOS, 2005). Isso significa que o processo de globalização passou a ser conduzido a partir dos princípios de privatização, liberalização e desregulação dos mercados, ou melhor, de uma regulação que estimule a concorrência entre os diversos atores econômicos nacionais e mundiais. Dessa maneira, pode-se concluir que a globalização não é, de maneira alguma, um fenômeno neutro ou espontâneo. Muito pelo contrário, a globalização sob o regime da atual forma do capitalismo, a globalização neoliberal, é resultado não só da crise estrutural do capitalismo, mas também de uma série de políticas sociais e econômicas deliberadas (Ibid, 2005). Nesse sentido, Manuel Castells afirma:

Surgiu uma economia global, no sentido preciso definido neste capítulo, nos últimos anos do século XX. Resultou da reestruturação das empresas e dos mercados financeiros em consequência da crise da década de 1970. Expandiu-se utilizando

novas tecnologias da informação e de comunicação. Tornou-se possível e, em grande parte foi induzida, por políticas governamentais deliberadas. A economia global não foi criada pelos mercados, mas pela interação entre mercados e governos e instituições financeiras agindo em nome dos mercados — ou de sua ideia do que devem ser os mercados. (CASTELLS, 1999, p.176)

Ora, a globalização neoliberal representa, portanto, o triunfo da imposição política de uma nova ordem mundial social e econômica por parte das elites. Contudo, atrelada ao neoliberalismo, a globalização se torna algo mais que isso. Para Ianni (2001), a globalização representa também o processo de expansão do que o autor denomina de ocidentalização. Isto é, a globalização implica no processo de generalização de um determinado tipo de racionalidade baseada em princípios típicos do mercado. Isso representa o apagamento de outras formas de organização social e de entendimento do mundo a favor desse processo de homogeneização das formas de vida aportadas nos valores capitalistas. Predominam, portanto, nas sociedades globalizadas, traços culturais relativos ao individualismo, o culto à propriedade e o consumismo.

A expansão da globalização neoliberal pode representar, portanto, a difusão dos valores do capitalismo neoliberal para os mais distantes lugares do planeta. E em alguma medida, essa difusão também dinamiza o processo de globalização, uma vez que tais valores são consonantes com os princípios que regem as decisões políticas e a dinâmica do capital a níveis nacionais e internacionais (RAMOS, 2005). Nesse processo, o papel das elites e instituições burguesas tem sido fundamental. Dentro desse contexto, podemos destacar as ações do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial e mesmo a Organização Mundial do Comércio (OMC), que têm feito pressão para implementação de um programa de privatizações, desregulamentação e “ajustes fiscais” em diversos países, em especial os subdesenvolvidos ou em desenvolvimento (Ibid, 2005).

Contudo, não são apenas as instituições políticas propriamente ditas que se destacam como difusores do programa neoliberal pelo mundo. Ianni (2001) aponta que a globalização neoliberal confere grande importância e poder de decisão às forças do mercado capitalista. Em outras palavras, as grandes empresas, corporações e conglomerados transnacionais começam a formar polos e centros de decisão que influenciam diretamente os Estados e as instituições multilaterais. Nesse sentido, o autor reforça o caráter inovador do neoliberalismo quanto à globalização: “Enquanto o liberalismo baseava-se no princípio da soberania nacional, ou ao menos tomava-o como parâmetro, o neoliberalismo passa por cima dele, deslocando as possibilidades de soberania para as organizações, corporações e outras entidades de âmbito global” (IANNI, 2001, p.101).

De acordo com Ianni (2001), o desenvolvimento do processo de ocidentalização do mundo é um dos principais fatores responsáveis pela dissolução das fronteiras locais, nacionais, regionais, continentais e também das barreiras culturais, linguísticas, religiosas ou mesmo civilizatórias, ou seja, a ocidentalização está diretamente relacionada à própria globalização. É, portanto, na medida em que os princípios de mercado se generalizam progressivamente, tornando-se a racionalidade dominante para as mais distintas culturas, que o processo de reconfiguração do espaço social — ou desterritorialização, nas palavras do autor — pode propriamente se desenvolver.

Em resumo, podemos dizer que, para se difundir, a globalização neoliberal se apoia não somente nas ações políticas propriamente ditas, ou seja, no incentivo às privatizações, desregulamentações de mercados e redução do Estado. A globalização neoliberal tem por objetivo também a difusão de um novo tipo de racionalidade, que se pretende global, guiada pelos princípios e pela lógica do capital.

Uma das principais ferramentas utilizadas para a promoção e difusão dessa nova racionalidade é certamente a tecnologia. Em primeiro plano, é necessário pontuar que as novas tecnologias da informação e comunicação forneceram as bases materiais para o desenvolvimento da globalização neoliberal. De acordo com Manuel Castells (1999), os novos sistemas avançados de computação e de telecomunicações permitiram a administração de produtos financeiros e a conexão entre os mais distantes centros financeiros do mundo. A Internet também permitiu que as empresas operassem no país inteiro e no mundo todo ao mesmo tempo. A informática auxiliou as empresas a dinamizarem e flexibilizarem a produção, agilizarem os processos de distribuição e ampliarem os mercados consumidores.

Ocorre que o surgimento e a difusão dessas tecnologias potencializam a expansão da globalização neoliberal, uma vez que elas materializam a racionalidade do capitalismo contemporâneo, transformando as relações das pessoas não só com o trabalho, mas também com a vida. De acordo com Ianni (2001), toda tecnologia, uma vez inserida dentro do contexto de uma sociedade, começa a exercer a função de técnica social, podendo servir para os mais diversos fins. Nesse sentido, o autor argumenta que se, no contexto de sociedades marcadas pela desigualdade social, política, econômica e cultural, as tecnologias são monopolizadas pelos atores sociais que detêm o poder, é claro que essas tecnologias serão utilizadas para a manutenção e desenvolvimento dessas estruturas de poder. Dessa maneira, podemos concluir que, na medida em que se difundem pelo mundo junto com a globalização neoliberal, as novas

tecnologias da informação e da comunicação difundem também uma nova racionalidade baseada na lógica do capital.

Esse é o contexto em que as tecnologias da eletrônica, entre outras, intensificam e generalizam a racionalização das mais diversas formas sociais de vida e trabalho, dos mais diferentes modos de ser e pensar. Aos poucos, a sistemática da tecnologia povoa e organiza também o imaginário de indivíduos e coletividades. Ao entrar na fábrica de simulacros e virtualidades, a tecnologia ajuda a instituir parâmetros de pensamento e imaginação. (IANNI, 2001, p. 109)

Cumprе ressaltar, portanto, que a tecnologia não é, de modo algum como se costuma pensar, neutra. Isso porque, nas mãos daqueles que exercem o poder nas sociedades capitalistas, a tecnologia pode adquirir uma função e um viés ideológico que servem para a manutenção das estruturas que sustentam as hierarquias sociais. Dessa maneira e conforme discutido anteriormente, a tecnologia da informação e da comunicação se mostrou fundamental para o desenvolvimento exitoso da globalização neoliberal, não só transformando os modos de produção e reprodução do capital, mas também ajudando a difundir a racionalidade capitalista para todos os lugares do mundo em que se instala.

A expansão dessa racionalidade é primordialmente caracterizada, segundo Ianni (2001), pela submissão de todos os aspectos da vida pessoal e coletiva de diversas sociedades aos princípios da “calculabilidade, contabilidade, administração, ordenamento jurídico, desempenho, eficácia, produtividade, lucratividade e racionalidade” (IANNI, 2001, p.153). Trata-se de um processo que o autor chama de burocratização do mundo. Ora, podemos observar que esses princípios são muito compatíveis com a racionalidade com a qual opera o algoritmo do nosso objeto de pesquisa, o LinkedIn. Tais valores são também muito congruentes com os valores expressos pelo criador do LinkedIn, Reid Hoffman, através de suas entrevistas e seus textos. Diante das relações estabelecidas nesse capítulo entre a tecnologia e os processos de globalização neoliberal e de expansão da racionalidade capitalista, torna-se difícil afirmar que essas observações são meras coincidências.

Dessa forma, o objetivo do próximo capítulo é aprofundar a questão e analisar um pouco mais de perto o que é e como opera o neoliberalismo na sociedade contemporânea. Além disso, será feita uma investigação a respeito do impacto do neoliberalismo no mundo do trabalho, a fim de entendermos melhor como o LinkedIn se relaciona com essas transformações.

### 3 AS TRANSFORMAÇÕES DO TRABALHO NO MUNDO NEOLIBERAL

*“A economia de mercado é mais eficiente na seleção natural dos indivíduos do que a política ou a natureza.”*

*Ludwig von Mises*

A fim de realizar uma análise mais contextualizada do fenômeno estudado nesta pesquisa, isto é, o LinkedIn, este capítulo tem por objetivo oferecer um panorama geral das transformações que ocorreram no interior do mundo trabalho a partir do começo da era neoliberal, no início dos anos 1970. Para isso, primeiramente, será discutido o conceito de neoliberalismo, bem como a história do seu surgimento e desenvolvimento. Posteriormente, serão analisados o aparecimento dos modelos flexíveis de produção, a relação dos mesmos com o neoliberalismo, as consequências para os trabalhadores e a relação do LinkedIn com todos esses processos.

#### 3.1 Afinal, o que é o neoliberalismo?

O neoliberalismo é um desses termos que, assim como a globalização, passa por um problema sério de ambiguidade conceitual por conta de sua ampla difusão, não só no ambiente acadêmico, mas também nos meios de comunicação de massa. Em linhas gerais, o neoliberalismo é, por vezes, definido como um conjunto de práticas econômicas que visam a redução da intervenção do Estado na economia tendo em vista uma maior dinamização da mesma. Privatizações, desregulamentação de mercados, cortes em investimentos públicos e políticas de austeridade fiscal são algumas das práticas geralmente atribuídas ao neoliberalismo. Por sua vez, alguns defensores desses tipos de políticas argumentam que o próprio termo neoliberalismo seja inadequado para caracterizar as ideias das quais são adeptos. Obviamente, não é a intenção do presente trabalho apresentar um conceito definitivo para o neoliberalismo. Contudo, para os objetivos estabelecidos para esta pesquisa, torna-se necessário fazer uso de possíveis definições para o conceito a fim de podermos avançar nas análises que serão realizadas posteriormente.

Para David Harvey (2008), um importante teórico marxista da contemporaneidade, o neoliberalismo pode ser definido primordialmente como uma teoria sobre as práticas político-econômicas que se desenvolveram, principalmente, a partir dos anos 1970, não só no Estados

Unidos, mas também na Grã-Bretanha e outros diversos países. Essa teoria teria por pressuposto a ideia de que o bem-estar humano dependia quase que exclusivamente da promoção das liberdades individuais, da propriedade privada e do livre comércio, no sentido de estimular os ímpetus empreendedores que habitariam todos os seres humanos. Segundo o autor, a função do Estado seria, portanto, a de promover as condições institucionais necessárias para garantir o direito à propriedade privada e à plena realização da liberdade de troca entre os indivíduos. Além disso, os investimentos públicos deveriam, apenas se necessário, estimular a criação de mercados por alguma razão inexistentes em setores essenciais como a terra, água, saúde, educação, segurança, entre outros. Porém, o escopo da atuação estatal não deveria ultrapassar esses limites. Isso porque, na visão dos neoliberais, o Estado não seria capaz de captar e traduzir de forma eficiente as informações advindas do mercado, que seriam úteis para o desenvolvimento socioeconômico. Sendo assim, o papel do Estado na sociedade deveria ser mínimo.

Enquanto David Harvey (2008) entende o neoliberalismo como uma "teoria das práticas" (Id., 2008, p. 6), Pierre Dardot e Christian Laval (2016), dando continuidade às análises de Michel Foucault (2004), definem o neoliberalismo como uma racionalidade que tem por objetivo a reconfiguração normativa de práticas e instituições. Para além de uma ideologia ou um tipo específico de intervenção político-econômica, os autores entendem o neoliberalismo como “a forma da nossa existência, isto é, a forma pela qual somos pressionados a nos comportar e de nos reportar aos outros e a nós mesmos” (Id., 2016, p.15). Conforme mencionado anteriormente, o argumento dos autores franceses está amplamente ancorado nas discussões realizadas por Foucault, nas aulas que deram origem ao livro "O Nascimento da Biopolítica", acerca dos diferentes modos de governar. Para Foucault (2004), a ação de governar tinha uma definição muito peculiar: não se referia simplesmente às ações "repressivas" do Estado no sentido de limitar determinadas atitudes por parte dos indivíduos, mas também das ações que objetivavam guiar a ação dos sujeitos e dirigir as suas condutas. Dardot e Laval explicitam essa ideia de maneira bastante clara:

Assim, governar é conduzir a conduta dos homens, desde que se especifique que essa conduta é tanto aquela que se tem para consigo mesmo quanto aquela que se tem para com os outros. É nisso que o governo requer liberdade como condição de possibilidade: governar não é governar contra a liberdade ou a despeito da liberdade, mas governar pela liberdade, isto é, agir ativamente no espaço de liberdade dado aos indivíduos para que estes venham a conformar-se por si mesmos a certas normas. (DARDOT; LAVAL, 2016, p.18)

Dessa maneira, o neoliberalismo se configuraria, para Dardot e Laval (2016), como uma racionalidade que promoveria o autogoverno dos indivíduos de forma que os mesmos pudessem



se conformar a determinadas condutas normativas. Além disso, pode-se observar que, embora esteja assentado no valor da liberdade — entendida aqui de maneira muito particular, nos termos do direito à propriedade privada e ao livre comércio, como discutido anteriormente —, na visão desses autores, o neoliberalismo apresenta um alto grau de coercitividade, uma vez que impele os indivíduos a se autogerirem nos termos da lógica do mercado. Enquanto racionalidade, o neoliberalismo seria, portanto, caracterizado principalmente por sua transversalidade, impactando os mais diferentes níveis e esferas da vida coletiva e individual. Para os autores franceses, o neoliberalismo é, portanto, um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que promovem a difusão do modelo de mercado para além do mercado, reformando as políticas públicas, o Estado, as instituições e as subjetividades.

### **3.1.1 Desdobramentos da crise: a ascensão do neoliberalismo**

Diante disso, uma questão ainda fica em aberto: quais foram os fatores históricos que tornaram possível a ascensão do neoliberalismo? Há diversas respostas possíveis para essa pergunta. Para David Harvey (2008), a ascensão do neoliberalismo tem a ver principalmente com a ameaça política que se sucedeu às elites econômicas dos países desenvolvidos a partir da crise dos anos 1970. Para sustentar o argumento, o autor parte, primeiramente, da ideia de que, após a segunda guerra mundial, uma série de reestruturações políticas e econômicas foram realizadas com o objetivo de evitar a construção das condições sociais que levaram à crise catastrófica dos anos 1930 e que fomentaram rivalidades geopolíticas que levaram à guerra. Segundo Harvey (2008), a devastadora crise econômica de 1929 exigiu dos Estados um pacto de conciliação entre o capital e os trabalhadores como forma de garantir certa estabilidade necessária para a retomada do crescimento econômico.

A constituição desse pacto conciliatório se deu pela via da construção do Estado de bem-estar social, que previa que o papel do Estado era fundamental para o equilíbrio entre as forças políticas que disputavam o poder. Dessa forma, o governo deveria intervir na economia sempre que necessário, principalmente no sentido de garantir baixas taxas de desemprego, crescimento econômico e o bem-estar de seus cidadãos. Essa política funcionou durante um bom tempo, gerando grande crescimento econômico para os países desenvolvidos e para as economias de exportação em expansão durante as décadas de 1950 e 1960. Contudo, no final dos anos 60, esse modelo começou a apresentar seus limites. As taxas de desemprego e de inflação começaram a subir de maneira bastante intensificada. Durante boa parte dos anos 1970, a

estagflação, ou seja, a estagnação da economia junto com a alta da inflação predominou. Harvey (2008) classifica essa crise como uma crise de acumulação do capital, ou seja, o tipo de crise estrutural que ocorre de tempos em tempos dentro do sistema capitalista — ideia bastante compatível com a discussão que Ricardo Antunes (2000) faz do tema, apresentada no capítulo anterior.

A crise gerou embates calorosos entre os defensores da socialdemocracia e do planejamento central e os interesses dos que pretendiam liberar o poder corporativo e restabelecer as liberdades de mercado. Entretanto, segundo Harvey (2008), a partir de meados dos anos 1970, os interesses do último grupo passaram a prevalecer. Para o autor, isso se sucedeu devido à insatisfação generalizada com relação aos efeitos da crise, que consequentemente gerou a ascensão, em diversos países, de movimentos de trabalhadores em defesa do compromisso social entre capital e trabalho. Com isso, partidos comunistas e socialistas passaram a ganhar bastante espaço nos Estados Unidos e na Europa, colocando as reformas estruturais e as intervenções estatais na pauta do dia. Para Harvey (2008), havia nessa ascensão uma clara ameaça política e econômica às elites e às classes dominantes tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento. Segundo o autor, nos Estados Unidos, por exemplo, a parcela da renda nacional nas mãos dos 1% mais ricos caiu pela metade após a implementação das políticas de bem-estar social do pós-guerra. Até a crise dos anos 1970, isso não pareceu incomodar tanto as elites porque a economia continuava crescendo de maneira acelerada. Entretanto, com a crise, esse índice de controle da riqueza pelos 1% mais ricos sofreu uma acentuada queda. Agora, não só o tamanho da fatia do bolo havia diminuído como também o próprio bolo havia reduzido de tamanho. Para Harvey (2008), portanto, foi a combinação desses fatores que levou as elites a aderirem ao neoliberalismo como um projeto político de reestabelecimento das condições de acumulação de capital e de restauração do poder político e econômico.

Enquanto para Harvey (2008), o neoliberalismo se configurou como um projeto de reestruturação da hegemonia política e econômica das elites, Dardot e Laval (2016) defendem que essa tese, embora seja coerente e tenha seu valor, é limitada, inclusive para os parâmetros teóricos do marxismo. Para os autores franceses, o neoliberalismo não pode ser reduzido simplesmente a uma resposta para uma crise econômica clássica: o neoliberalismo é primordialmente uma proposta de solução à uma crise de governamentalidade, conceito-chave dentro dos estudos de Michel Foucault acerca do poder.

Seguindo as reflexões de Foucault (2004), Dardot e Laval (2016) argumentam que os anos 60 teriam sido um período de uma profunda crise dos modos de governar até então vigentes. Como se sabe, essa década foi marcada pela ascensão e efervescência de diversos movimentos sociais de contestação e de revolta contra variados tipos de opressão: movimentos feministas se levantavam por toda parte, a luta pelos direitos civis da população negra se intensificava nos Estados Unidos, os movimentos da contracultura ganhavam popularidade, e, em 1968, estudantes de várias partes do mundo tomavam as ruas em inúmeros protestos contra a guerra, o autoritarismo e o status quo. Na visão dos autores, esses movimentos denunciavam um questionamento e uma transformação das formas de poder até então operantes. É, portanto, a partir das ruínas de um regime de poder em decadência que o neoliberalismo passa a ganhar força enquanto uma forma de governo que prometia a liberdade em todos os domínios da vida desejada pelas massas que tomavam as ruas.

Em outras palavras, para Dardot e Laval (2016), a insatisfação geral que havia tomado conta da década de 1960 teria encontrado no neoliberalismo um suporte teórico e prático para dar vazão às aspirações de liberdade que moviam as multidões. Entretanto, para os franceses, contrariamente à sua promessa de liberdade, o que o neoliberalismo de fato ofereceu às pessoas foi outra coisa: um modo de governo que se expande muito além da “esfera econômica”, tomando como base o modelo empresarial e, por princípio, a concorrência generalizada. Disso decorre, por exemplo, o surgimento da “competitividade” como princípio político importante que rege não só as decisões do Estado, mas também as decisões dos próprios indivíduos.

Poderíamos discorrer aqui sobre os diversos impactos do neoliberalismo sobre a vida individual e coletiva já que o mesmo se constitui como uma racionalidade que não se restringe aos limites da economia. Entretanto, para os fins estabelecidos desta investigação, ou seja, a fim de entendermos melhor a relação que se pode estabelecer entre o LinkedIn, objeto da pesquisa, e o neoliberalismo, é necessário analisarmos de perto as transformações que a implementação do modelo neoliberal operou no mundo do trabalho. Dessa forma, poderemos analisar posteriormente como o LinkedIn, que é uma mídia social digital voltada para o universo profissional, se relaciona com essas mudanças.

### 3.2 As transformações do trabalho na era neoliberal

A crise política, social e econômica do fim dos anos 1960 e início dos anos 1970 trouxe consequências bastante significativas também para o mundo do trabalho. De acordo com Ricardo Antunes (1999), essa crise, classificada pelo autor como uma crise de acumulação estrutural do sistema capitalista, forçou o sistema a produzir uma resposta que pudesse restituir os patamares de acumulação de capital anteriores, em especial o dos primeiros anos que se seguiram à segunda guerra mundial, em 1945. Conforme discutido anteriormente, diversas mudanças ocorreram no mundo nos mais diferentes âmbitos da vida coletiva para o estabelecimento de um novo ordenamento social que pudesse dar uma resposta concreta aos problemas gerados pela crise: a intensificação do processo de globalização e hegemonização do neoliberalismo por todo planeta são exemplos dessas transformações já trabalhados nesta pesquisa. Entretanto, de maneira mais ou menos simultânea ao aparecimento desses outros fenômenos sociais, ocorreu também um processo de transformação muito importante no interior dos processos produtivos, que visavam os mesmos objetivos, isto é, a retomada dos elevados padrões de acumulação de capital e a produção de uma resposta que desse conta dos clamores por mais liberdade que vinham das ruas.

Na clássica obra *Os sentidos do trabalho*, Antunes (1999) discute as origens e as consequências das transformações do mundo do trabalho, em especial da transição do padrão fordista e taylorista, expressão dominante dos processos produtivos até o fim dos anos 1960, rumo aos novos modelos de produção mais flexibilizados. Segundo o autor, o binômio fordismo/taylorismo vigorou na grande indústria praticamente por todo o século XX, sendo caracterizado basicamente pela produção de mercadorias de forma massificada, homogeneizada e fortemente verticalizada. Na fábrica fordista e taylorista, a maior parte da produção era realizada internamente, recorrendo-se apenas de maneira secundária a fornecedores externos para aquisição de peças, por exemplo. Além disso, o trabalho era baseado na máxima racionalização dos processos, visando a redução do desperdício de tempo e o aumento do ritmo de trabalho. O trabalho deveria ser, portanto, bastante fragmentado: a decomposição de tarefas reduzia a ação dos operários a uma mera repetição de atividades mecânicas cuja somatória resultava na produção das mercadorias.

De acordo com o sociólogo brasileiro, a união da produção em série fordista com o cronômetro taylorista estabelecia um sistema produtivo linear e bastante rígido, articulando as diferentes etapas e trabalhadores envolvidos na produção através da esteira do maquinário,

ditando um ritmo de trabalho praticamente robótico a partir do estabelecimento de tempo inflexível para a realização das tarefas. Além disso, esse processo produtivo era marcado pela clara separação entre a realização do trabalho e a elaboração/organização do mesmo, de maneira que os operários estavam sempre apartados da dimensão “intelectual” da própria produção, que ficava reservada para as chamadas gerências científicas.

Para Antunes (1999), o sistema produtivo fordista/taylorista e sua hegemonia pela maior parte do século XX são resultados do compromisso estabelecido entre o capital e o trabalho, mediado pelo Estado. Para o autor brasileiro, assim como para David Harvey (2008), conforme discutido anteriormente, esse compromisso foi firmado em virtude da crise de 1929 e, principalmente, do processo de reestruturação política e econômica dos países após a segunda guerra mundial. Entretanto, a partir também do fim dos anos 1960, esse padrão produtivo passou a apresentar sinais de esgotamento. Isso ocorreu por uma série de fatores, porém, o autor argumenta que a decadência do Estado de bem-estar social foi um dos principais disparadores da crise, uma vez que o mesmo teria fornecido o campo político e econômico necessário para a manutenção do pacto entre o capital e o trabalho. Além disso, Antunes (1999) aponta para o processo de saturação do próprio sistema produtivo a partir do ponto de vista do trabalhador que viu seu trabalho se tornar cada vez mais despersonalizado, suas tarefas cada vez mais mecanizadas e desprovidas de qualquer sentido. Isso levou ao aparecimento, em todo o mundo, de diversos movimentos de trabalhadores que questionavam esse tipo de sociabilidade proporcionada pelo capital especialmente no que se referia ao controle social da produção. O autor resume o argumento da seguinte maneira:

Realizava-se, então, uma interação entre elementos constitutivos da crise capitalista, que impossibilitavam a permanência do ciclo expansionista do capital, vigente desde o pós-guerra: além do esgotamento econômico do ciclo de acumulação (manifestação contingente da crise estrutural do capital), as lutas de classes ocorridas ao final dos anos 60 e início dos 70 solapavam pela base o domínio do capital e afloravam as possibilidades de uma hegemonia (ou uma contra hegemonia) oriunda do mundo do trabalho. A confluência e as múltiplas determinações de reciprocidade entre esses dois elementos centrais (o estancamento econômico e a intensificação das lutas de classes) tiveram, portanto, papel central na crise dos fins dos anos 60 e inícios dos 70. (ANTUNES, 1999, p.44)

Para Antunes (1999), portanto, o recente processo de transformação do modelo produtivo fordista/taylorista é a expressão de uma crise estrutural do sistema capitalista. E as mutações que se observaram dentro desse campo são as tentativas do sistema de retomar os patamares anteriores de acumulação e de realizar o seu projeto de dominação global. O resultado disso tudo foi o aparecimento do que o autor chama de regime de acumulação flexível, que se baseia na “divisão de mercados, o desemprego, a divisão global do trabalho, o capital

volátil, o fechamento de unidades, a reorganização financeira e tecnológica” (ANTUNES, 1999, p.52), além das manifestações do toyotismo, o modelo produtivo japonês que se tornou hegemônico no lugar do fordismo/taylorismo.

O padrão de acumulação flexível, segundo Antunes (1999), se fundamenta em um modelo produtivo organizado e tecnologicamente avançado, fruto das novas técnicas de gestão da produção introduzidas pela era da informação. Esse modelo frequentemente recorre à desconcentração da produção por meio da terceirização de diversas etapas produtivas. O trabalho em equipe, a eliminação de postos de trabalho, a redução do trabalho improdutivo e o aumento da produtividade são as características da “fábrica moderna” ou das chamadas “empresas enxutas”, que se tornaram o paradigma a ser seguido por todo o mundo, uma vez que empregam um menor número de pessoas e mesmo assim apresentam índices elevados de produtividade.

Dentro desse contexto de mutação dos padrões de acumulação do sistema capitalista, diversos sistemas de produção surgiram para tentar dar conta da crise. Dentre eles, o sistema japonês, mais conhecido como toyotismo, obteve mais destaque e produziu um impacto significativo no Ocidente a partir dos anos 1970. Segundo Antunes (1999), ao ser exportado do Japão, o toyotismo passou por adaptações nos países onde se instalou, mas manteve grande parte de suas características principais. De acordo com o autor, os aspectos gerais do modelo japonês são:

- a) Produção vinculada à demanda, tendo em vista a tendência de consumo mais individualizado que surge nesse contexto, diferenciando-se do modelo massificado do fordismo. A ideia é intensificar o fluxo do estoque, evitando grandes reservas, de maneira que recursos não sejam desperdiçados.
- b) Trabalho em equipe e a variedade de tarefas, rompendo com o aspecto do trabalho fragmentado e repetitivo do fordismo.
- c) Processo produtivo flexível, que permite o operário operar mais de uma máquina simultaneamente, diferentemente do fordismo em que o trabalhador só podia operar uma.
- d) Horizontalização da produção, que se refere ao processo de distribuição das etapas produtivas. No toyotismo, apenas cerca de 25% da produção é realizada dentro do espaço produtivo das empresas. A maior parte da produção — e essa parcela tem aumentado cada vez

mais — é repassada para empresas terceirizadas e/ou subcontratadas que, por sua vez, também aplicam os mesmos métodos de distribuição produtiva.

e) Emprego “vitalício” para uma parcela (entre 25% e 30%) dos trabalhadores japoneses de grandes empresas. Isso garantia estabilidade a esses trabalhadores que, quando chegavam aos 55 anos, eram realocados para setores menos relevantes do processo produtivo. Além disso, havia também ganhos salariais com base na produtividade dos operários.

Dentre as adaptações do toyotismo realizadas no Ocidente, uma das mais importantes de se analisar, segundo Antunes (1999), se refere ao aspecto do emprego “vitalício” implementado no Japão. Ao importar o toyotismo, os países ocidentais, na maioria dos casos, quase não deram ênfase à segurança no emprego. Para o autor, isso se deve, principalmente, à vigência do neoliberalismo nesses países, que forneceu o ambiente político, econômico e ideológico propício para esses determinados tipos de adaptações do receituário japonês. Ora, é nesse aspecto, portanto, que a reformulação dos processos produtivos e o neoliberalismo se encontram. Nas palavras do autor:

Sendo o processo de reestruturação produtiva do capital a base material do projeto ideopolítico neoliberal, a estrutura sob a qual se erige o ideário e a pragmática neoliberal, não foi difícil perceber que desde fins dos anos 70 e início dos 80 o mundo capitalista ocidental começou a desenvolver técnicas similares ao toyotismo. (ANTUNES, 1999, p.60)

O neoliberalismo se tornou, portanto, o solo fértil que permitiu o surgimento e o desenvolvimento de uma nova “cultura empresarial”, baseada em um novo vocabulário, novos paradigmas de sucesso e novas técnicas de administração e gerenciamento do trabalho. Analisando o caso da Inglaterra de Margareth Thatcher, uma das principais representantes do neoliberalismo no mundo na década de 1980, Antunes (1999) argumenta que a implementação da agenda neoliberal junto da adoção dos modelos de produção flexibilizados, como o toyotismo, tornou possível o surgimento de uma nova fase no desenvolvimento do capitalismo inglês. Segundo o autor, a difusão do modelo de “empresa enxuta”, os incentivos à ampliação do setor de serviços, a intensificação da concorrência, o ataque aos direitos trabalhistas e aos sindicatos, entre outros processos vinculados ao neoliberalismo e à expansão de padrões flexíveis de produção e acumulação geraram, além dos acentuados níveis de desemprego, um processo de desindustrialização, financeirização e liberalização do capitalismo na Inglaterra. De acordo com o autor, esse processo também pode ser identificado em diversos outros países na medida em que o projeto neoliberal se expandiu pelo mundo, inclusive no Brasil.

Partindo dessa análise, pode-se concluir que o neoliberalismo e os novos modelos produtivos flexibilizados estão intimamente relacionados. Através da eliminação dos mecanismos de proteção social do trabalhador, da intensificação da concorrência e da exploração da mão de obra a partir do aumento intencional do desemprego e da difusão de uma racionalidade que faz os indivíduos pensarem a si mesmos como microempresas, o neoliberalismo conseguiu fornecer o ambiente social, ideológico, econômico e político para que esses sistemas de produção flexíveis, como o toyotismo, pudessem surgir e se desenvolver. De maneira recíproca, os novos modelos de gestão da produção reduziram os custos da produção, aumentaram a produtividade e os níveis de exploração da mão de obra e, dessa maneira, permitiram a elevação dos índices de acumulação de capital das classes dominantes, objetivo central do projeto neoliberal.

Como já era possível prever, as consequências do desenvolvimento desse processo foram bastante significativas para os trabalhadores. O aumento da instabilidade no mercado de trabalho, a generalização da concorrência, a ampliação da variedade de tarefas a serem desempenhadas e o aumento de habilidades a serem desenvolvidas são exemplos de mudanças provocadas pela reestruturação dos modelos de produção e da implementação do projeto neoliberal que exigiram também, por parte dos trabalhadores, mudanças para que os mesmos pudessem se adaptar à nova realidade. Uma das hipóteses de pesquisa deste trabalho é a de que o LinkedIn é um dos reflexos dessas transformações vivenciadas pelos trabalhadores nas últimas décadas. O objetivo da próxima seção é, portanto, desenvolver e aprofundar essa ideia.

### **3.3 Uma vida de riscos: do trabalho flexível e precarizado ao LinkedIn**

A crise estrutural do capitalismo dos anos 1970, como discutido anteriormente, se configurou como uma das principais razões para o surgimento e desenvolvimento do neoliberalismo e para a reestruturação dos processos produtivos mencionados na seção anterior. O discurso que ensejou e acompanhou essas mudanças prometia uma melhora significativa nas condições de trabalho e a retomada do crescimento econômico, com controle da inflação e redução das taxas de desemprego. Entretanto, Ricardo Antunes (2004) argumenta que tais transformações não só não entregaram o que prometeram, como também pioraram as condições de vida dos trabalhadores e intensificaram os processos de destruição da natureza. Nas palavras do autor:



O neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível, dotadas de forte caráter destrutivo, têm acarretado, entre tantos aspectos nefastos, um monumental desemprego, uma enorme precarização do trabalho e uma degradação crescente, na relação metabólica entre homem e natureza, conduzida pela lógica societal voltada prioritariamente para a produção de mercadorias, que destrói o meio ambiente em escala globalizada. (ANTUNES, 2004, p.35)

Embora não represente nenhum fenômeno novo, o processo de precarização do trabalho se intensificou de maneira bastante significativa na era neoliberal sob o regime dos novos modelos flexíveis de produção. De acordo com Giovanni Alves (2007), a precarização pode ser entendida como o processo de retirada ou até mesmo de eliminação de direitos conquistados pelos trabalhadores ao longo da história da luta de classes. Garantias como o limite da jornada de trabalho, o direito à aposentadoria, o reajuste dos salários de acordo com a inflação para que estes não percam a capacidade de compra, o vínculo de emprego estável, o acesso a seguro-desemprego em caso de demissão e o direito à organização sindical são exemplos de conquistas da classe trabalhadora após décadas de luta. Esses direitos, segundo o autor, servem como mecanismos de contenção dos ímpetus de exploração por parte do capital contra os trabalhadores. Enfraquecidos ou eliminados, esses mecanismos de equilíbrio de forças entre o capital e o trabalho perdem a sua função e a balança passa a pender para o lado do sistema, de forma a intensificar a exploração dos trabalhadores.

A decadência do Estado de bem-estar social e a ascensão do neoliberalismo, portanto, propiciaram um ataque feroz do capital contra a classe trabalhadora. No Brasil dos anos 1990, por exemplo, o resultado desses ataques foi, de acordo com Alves (2009), o crescimento exacerbado das taxas de desemprego, a deterioração dos salários em virtude da expansão da informalidade e da terceirização nas grandes empresas, além do desmonte dos movimentos sindicalistas brasileiros outrora tão fortes. Segundo Antunes (2018), o aprofundamento das políticas econômicas neoliberais aliado à expansão dos modelos flexíveis de produção trouxe como novidade a precarização dos trabalhadores qualificados, incluindo não apenas aqueles dos países da periferia, mas também os do centro do capitalismo mundial.

Dentro desse contexto de precarização e diante de um futuro absolutamente incerto, portanto, o sentimento social que predomina na era do neoliberalismo e da empresa “enxuta” é o medo. Os constantes cortes de custos na produção, os processos de terceirização, a exigência cada vez maior por qualificação — características principais dos modelos produtivos flexíveis —, bem como o ataque aos direitos trabalhistas, a generalização da concorrência, redução do escopo da atuação estatal — aspectos importantes relacionados ao neoliberalismo — colocam a classe trabalhadora em uma situação de constante insegurança.

Pierre Dardot e Christian Laval (2016) argumentam que esse contexto de “medo social” instaurado pela implementação das políticas neoliberais e pelo surgimento dessas novas formas de empregos precarizados, temporários e provisórios produziram um aumento significativo no grau de dependência dos trabalhadores em relação aos seus empregadores. Segundo os autores franceses, o processo de naturalização e incremento do risco para a classe trabalhadora permitiu que as empresas pudessem exigir de seus funcionários maior comprometimento e engajamento, o que conseqüentemente aumenta o potencial de exploração dos trabalhadores.

Há ainda, no processo de hegemonização do neoliberalismo, o surgimento e a disseminação de um discurso negativo em relação ao Estado de bem-estar social. Segundo Dardot e Laval (2016), a partir principalmente dos anos 1970, uma infinidade de teses, artigos, relatórios e ensaios são escritos com o objetivo de avaliar a relação dos custos e benefícios das políticas sociais promovidas pelo Estado e chegar a uma única conclusão: quando não é apenas ineficiente, o Estado só causa prejuízo. Nesse sentido, por exemplo, o seguro-desemprego e a renda mínima seriam responsáveis pelo desemprego; investimentos em saúde pública causariam um déficit nas contas públicas e, conseqüentemente, alta na inflação; as políticas de redistribuição de renda não diminuiriam as desigualdades, mas sim desestimulariam o esforço, etc. Em resumo, esse discurso tinha como objetivo mostrar que as soluções oferecidas pelo Estado para os problemas, na realidade, só pioravam a situação.

Essa demonização do Estado não se restringiu aos aspectos estritamente econômicos. De acordo com os autores franceses, os neoliberais passaram a atacar a ação pública principalmente no campo da moralidade, onde os efeitos, segundo os mesmos, poderiam ser ainda mais negativos. O Estado de bem-estar social foi, no sentido forte da palavra, completamente desmoralizado. A partir desse raciocínio, o Estado passou a ser responsabilizado pela destruição das virtudes dos indivíduos e da sociedade civil. As políticas de redistribuição de renda, por exemplo, incentivariam os pobres a desistirem de progredir na vida, o que conseqüentemente contribuiria para o fracasso desse tipo de política social. Em resumo, o neoliberalismo não apenas se serviu do argumento dos custos e da eficácia para validar seu discurso, como também se utilizou de uma ideia de superioridade moral para as soluções ofertadas ou inspiradas pelo mercado a fim de se disseminar no mundo.

Para Dardot e Laval (2016), essa crítica está assentada sobre a ideia de que os indivíduos são inteiramente responsáveis por si mesmos e devem arcar com todos os riscos impostos pela ordem do mercado que, na visão dos neoliberais, é o estado de natureza da vida social. Esse argumento associa a segurança oferecida pelas políticas de bem-estar social à perda de senso

de responsabilidade, do gosto pelo esforço e pelo trabalho. Dessa maneira, o peso das ações que devem ser estimuladas para lidar com os riscos recai exclusivamente sobre os indivíduos. Nesse sentido, há ainda certa valoração positiva dessa vida de riscos constantes: a ameaça sempre presente de perda pode ser um estímulo à criatividade, à inovação, à adaptação e, conseqüentemente, ao sucesso. O indivíduo se constitui, portanto, como o único responsável pelo próprio destino. Dessa maneira, ele deve encontrar mecanismos para se proteger das ameaças da vida social. Nas palavras dos autores, a vida se torna “uma perpétua gestão de riscos que exige rigorosa abstenção de práticas perigosas, autocontrole permanente e regulação dos próprios comportamentos, misturando ascetismo e flexibilidade. A palavra chave da sociedade de risco é autorregulação” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 212).

Trata-se do fim da mentalidade de longo prazo de acordo com o sociólogo Zygmunt Bauman (2001). Os indivíduos agora devem pensar seus projetos e planos sempre a curto prazo, porque se até o presente é incerto, o futuro praticamente já não existe mais como antes. Ser flexível se tornou o *slogan* de nossa época. Mudar de emprego frequentemente, por exemplo, deixou de ser apenas o resultado das transformações do mercado de trabalho e do mundo e passou a ser algo desejável por todos aqueles que querem crescer profissionalmente. “10 razões pelas quais pessoas bem-sucedidas trocam de emprego frequentemente”<sup>13</sup> é o título da matéria da revista Forbes, que aborda os benefícios que uma vida profissional em constante mudança pode trazer para a carreira. Entre os motivos citados no texto, destacam-se a possibilidade de “novos desafios”, de sair da “zona de conforto”, de novos aprendizados e de ganhar notoriedade entre os profissionais da área de atuação. Uma vida profissional flexível, portanto, passou a ser um objetivo, e não apenas uma realidade.

Bauman (2001) também discute o que há exatamente de novo nessa vida profissional pautada por incertezas. Certamente, o mercado de trabalho, desde sempre, foi marcadamente caracterizado por certa insegurança e volatilidade. O autor, contudo, argumenta que a incerteza que marca nossa época é de natureza completamente inédita. Aliada ao discurso neoliberal que vai de encontro aos antigos ideais de solidariedade e coloca toda responsabilidade pela solução de problemas de natureza social sobre o indivíduo, a incerteza característica do nosso tempo não produz laço com o outro, mas, sim, solidão e isolamento.

---

<sup>13</sup> 10 razões pelas quais pessoas bem-sucedidas trocam de emprego frequentemente. **Forbes**, 2016. Disponível em: [https://forbes.com.br/outros\\_destaquas/2016/11/10-razoes-pelas-quais-pessoas-bem-sucedidas-trocam-de-emprego-frequentemente/](https://forbes.com.br/outros_destaquas/2016/11/10-razoes-pelas-quais-pessoas-bem-sucedidas-trocam-de-emprego-frequentemente/) Acesso em 16 de jun. 2021.

A incerteza do presente é uma poderosa força individualizadora. Ela divide em vez de unir, e como não há maneira de dizer quem acordará no próximo dia em qual divisão, a ideia de “interesse comum” fica cada vez mais nebulosa e perde todo valor prático. Os medos, ansiedades e angústias contemporâneos são feitos para serem sofridos em solidão. Não se somam, não se acumulam numa “causa comum”, não têm endereço específico, e muito menos óbvio. Isso priva as posições de solidariedade de seu status antigo de táticas racionais e sugere uma estratégia de vida muito diferente da que levou ao estabelecimento das organizações militantes em defesa da classe trabalhadora. (BAUMAN, 2001, p. 155)

Isolado de todos, o indivíduo deve tomar para si toda responsabilidade por sua própria vida, inclusive seus fracassos e sucessos. Para se proteger e alcançar seus objetivos na sociedade de risco, o indivíduo então deve desenvolver mecanismos eficazes de autoproteção. Segundo Dardot e Laval (2016), nesse contexto, algumas atividades passam a ser reinterpretadas como meios de proteção pessoal. A educação e a formação profissional, segundo os autores franceses, são exemplos disso: os trabalhadores devem estar constantemente se qualificando, se educando e até mesmo mudando sempre de emprego se necessário, de maneira a garantir maior “empregabilidade”, como uma forma de proteção contra o risco de desemprego. Os autores ainda reforçam a ideia de que o desenvolvimento desses processos não são apenas resultado de uma mudança de discurso e ressaltam a importância do contexto socioeconômico para compreendê-los adequadamente:

Esse autogoverno não é obtido espontaneamente por simples efeito de um discurso sedutor de gestão que manipula a aspiração de cada indivíduo à autonomia. Esse controle da subjetividade somente é operado de maneira eficaz dentro de um contexto de mercado de trabalho flexível, em que a ameaça de desemprego está no horizonte de todo assalariado. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 227)

A partir das análises propostas neste capítulo, pode-se ter uma visão mais aprofundada e ampliada do contexto de surgimento e desenvolvimento do LinkedIn, objeto da presente pesquisa. Enquanto plataforma de mídia social virtual cujo objetivo é fornecer o ambiente propício para o estabelecimento de contatos e relações de cunho profissional, o LinkedIn talvez possa ser entendido, portanto, como reflexo direto não só das intensas transformações tecnológicas em curso desde o final do século XX, mas também das igualmente profundas mudanças sociais, econômicas, políticas e subjetivas impostas pela hegemonização do neoliberalismo no mundo e pelo advento e expansão dos modelos flexíveis de produção.

Conforme discutido anteriormente, o mercado de trabalho atualmente é radicalmente distinto daquele dos anos que precederam a crise estrutural do capitalismo a partir do final da década de 1960. Sob a exigência de flexibilidade e diante de um contexto socioeconômico absolutamente incerto, escasso de mecanismos coletivos de garantia da seguridade social, com altas taxas de desemprego e aprofundamento dos processos de precarização do trabalho, os

indivíduos se veem isolados e desprotegidos. Diante disso, os trabalhadores da era do neoliberalismo e da produção flexível precisam encontrar meios para garantir o mínimo de segurança e estabilidade na vida profissional. O LinkedIn pode ser entendido, portanto, como a tecnologia que pode servir com ferramenta para mitigar os efeitos nocivos, para os trabalhadores, desses processos de flexibilização do trabalho.

A partir da utilização da plataforma como meio para o estabelecimento de contatos profissionais e para o ganho de visibilidade no mercado de trabalho, os trabalhadores podem transitar por esse mundo dominado pela incerteza ao menos de uma maneira mais estruturada. Investir em si mesmo, na própria imagem e na formação de relações úteis (*networking*) parece ser a saída encontrada por esses profissionais — em especial, os mais qualificados — para esse drama contemporâneo. E o LinkedIn, nesse contexto, se apresenta como uma das ferramentas que pode viabilizar essa estratégia de investimento e projeção de si.

Entretanto, é necessário reforçar que, conforme discutido no capítulo anterior, a tecnologia não é neutra. Dessa forma, não podemos enxergar o LinkedIn apenas como resultado do acúmulo desses processos mencionados anteriormente, mas também como agente dessas transformações, ao menos no sentido da naturalização de discursos característicos do neoliberalismo. Conforme também foi mencionado no capítulo anterior, isso pode ser observado a partir da própria análise dos algoritmos da plataforma — divulgados pela própria empresa — que privilegiam um tipo ideal de perfil que deve se apresentar como uma marca, criar e cultivar uma rede de contatos e compartilhar conteúdo. A ideia de um autogoverno e de uma gestão de si como empresa, de acordo com o que foi discutido ao longo deste capítulo, é inteiramente compatível com o discurso hegemônico do capitalismo da era neoliberal.

Dessa maneira, o objetivo do próximo capítulo será investigar de maneira mais aprofundada a ideia do sujeito como empresário de si mesmo e sua relação com o neoliberalismo. Em seguida, analisaremos como compreensão da subjetividade humana se tornou relevante dentro desse contexto e de que forma o fenômeno do LinkedIn pode ser compreendido a partir discussões.

## 4 A SUBJETIVIDADE NA MIRA DO NEOLIBERALISMO

*“A economia é o método. O objetivo é mudar o coração e a alma.”*

*Margareth Thatcher*

Este capítulo tem por objetivo discutir as relações que podem ser estabelecidas entre as mudanças subjetivas provocadas pela ascensão do neoliberalismo no mundo e o LinkedIn. Para isso, primeiramente, investigaremos o conceito de empresário de si enquanto estrutura da racionalidade neoliberal. Em seguida, analisaremos os pontos de convergência entre o funcionamento da plataforma e esse modo de pensar o sujeito no contexto do neoliberalismo. E, por fim, discutiremos, a partir das reflexões de Foucault a respeito das sociedades disciplinares, o papel dos algoritmos na condução do comportamento dos usuários no ambiente virtual do LinkedIn.

### 4.1 O empresário de si

As transformações sociais, econômicas, culturais e políticas impostas pela ascensão do neoliberalismo no mundo incitaram, de acordo com diversos autores, o surgimento e a formação de um novo modelo subjetivo, ou seja, uma nova forma de vida que estivesse adaptada a esse novo contexto social. Michel Foucault (2004) é um dos primeiros autores a conseguir identificar essa mutação subjetiva no interior da vida social ainda nos anos 1970. Segundo o pensador francês, o neoliberalismo inaugurava uma nova forma de governar baseada nos princípios de uma economia de mercado. Para conseguir tal feito, portanto, seria necessária a constituição de um novo sujeito, uma mentalidade que pudesse responder adequadamente não apenas às reconfigurações econômicas, mas também transformações éticas e morais em curso. Nesse sentido, Foucault (2004) aponta para a passagem de uma sociedade cujo princípio regulador seria a troca de mercadorias — marca do liberalismo “tradicional” — para uma sociedade da concorrência, baseada na difusão do modelo da empresa no interior do corpo social. Dessa forma, podemos entender que o sujeito para esse novo contexto é aquele que pensa a si mesmo como empresa. “O homo oeconomicus que se quer construir não é o homem da troca, não é o homem consumidor, é o homem da empresa e da produção” (FOUCAULT, 2004, p. 201).

Para compreendermos melhor esse argumento, é necessário retomarmos a discussão que Foucault (2004) faz da teoria do capital humano, introduzida pelo neoliberalismo norte-americano. Essa teoria afirma que todo trabalhador é, na verdade, uma máquina — não no sentido alienado, mas, sim, positivo do termo — de produzir renda. A análise empreendida por Foucault parte dos escritos de autores como Theodore Schultz e Gary Becker, pioneiros na conceitualização da teoria do capital humano. De acordo com o pensador francês, esses teóricos neoliberais, para construírem o argumento, partem de algumas ideias centrais. A primeira delas é a de que o salário pago aos trabalhadores deve ser entendido como uma renda. Nesse sentido, o conceito de renda aqui é importante: para esses autores neoliberais, renda é tudo aquilo que se caracteriza como produto de um capital e, de maneira inversa, capital é tudo aquilo com potencial de gerar renda. Logo, se o trabalhador gera renda, esta deve advir de algum capital. O que é, portanto, esse capital? O próprio trabalhador.

Nessa perspectiva, o trabalhador é compreendido, portanto, como capital tal qual uma máquina que gera renda (ou salário) de acordo com o seu uso (ou trabalho) e o investimento que é feito nela. Essa é uma mudança conceitual bastante significativa e destoa radicalmente das concepções de trabalho de Marx e até mesmo dos clássicos liberais do século XVIII. O trabalhador deixa de se constituir enquanto força de trabalho sujeita ao mercado da oferta e da procura, e se torna um “sujeito econômico ativo” (FOUCAULT, 2004, p. 308). Dessa maneira, se o trabalhador é o próprio capital e o responsável pela própria renda, ele deve investir em si mesmo, no desenvolvimento e aprimoramento de competências que possam gerar mais riqueza para si. Desse raciocínio, depreende-se que cada trabalhador é, na realidade, uma empresa ou, como denomina Foucault, um “empresário de si mesmo” (FOUCAULT, 2004, p. 311).

Ainda de acordo com Foucault (2004), Schultz e Becker argumentam que o capital humano só adquire valor econômico propriamente dito na medida em que é constituído como um conjunto de atributos raros. Tais atributos se classificam, de maneira geral, de duas maneiras: atributos inatos, ou seja, aqueles que dizem respeito às características hereditariamente adquiridas através da genética pelos indivíduos; e os atributos adquiridos, que se referem às qualidades e competências adquiridas ao longo da vida do indivíduo, seja por meio da escolarização, da formação profissional ou mesmo do ambiente familiar. A relevância do investimento no desenvolvimento dessas competências é facilmente verificável na atualidade. Não é difícil encontrar exemplos de pais que preenchem completamente a agenda de seus filhos com atividades extracurriculares, cursos de idiomas, intercâmbios culturais, práticas esportivas, entre outras experiências visando a valorização desse capital humano que

supostamente seus filhos carregam e que poderá ser uma vantagem competitiva futuramente. Dessa maneira, tais experiências deixam de ser apenas experiências de vida e passam a ser percebidas como um valioso investimento em si mesmo no contexto de uma sociedade altamente competitiva.

Pierre Dardot e Christian Laval (2016) dedicam vários capítulos da obra *A Nova Razão do Mundo* para descrever o desenvolvimento e as características desse novo sujeito da era neoliberal. Segundo os autores franceses, a empresa de si mesmo é um modo de ser do eu humano caracterizado por uma maneira de governar-se a partir de determinados valores e princípios. Em diálogo com o pensador inglês Nikolas Rose (2011), os autores destacam a energia, ambição, iniciativa, cálculo e a responsabilidade pessoal como alguns desses princípios. O empresário de si é, em suma, um indivíduo altamente competitivo e preocupado com o desenvolvimento de si, o próprio aprimoramento, a maximização de seu capital humano em todos os âmbitos da vida, durante todo o tempo. Não se trata apenas de um sujeito capaz de se projetar no futuro e realizar cálculos de custo e benefício, mas de um indivíduo absolutamente focado no processo de aperfeiçoamento de si e na busca por melhores resultados e desempenho. Nesse sentido, os autores afirmam que, dentro desse contexto, a busca por uma formação profissional e educacional contínua e a melhoria da própria “empregabilidade” se tornam estratégias de sobrevivência significativas da era neoliberal.

Os pensadores franceses argumentam que estamos diante da constituição de uma nova ética centrada em princípios tipicamente empresariais. A ética da empresa se diferencia das formas éticas precedentes porque não se apresenta como uma ética da abnegação, da obediência ou da ordem, mas como uma ética que estabelece a autonomia, a liberdade e o sucesso como valores superiores. Dessa maneira, a ética empresarial transforma o trabalho em um espaço de liberdade e “no veículo privilegiado da realização pessoal: sendo bem-sucedidos profissionalmente, fazemos da nossa vida um ‘sucesso’” (DARDOT; LAVAL, 2016, p.334). O trabalho se torna, portanto, o âmbito de nossas vidas mais interessante para aplicarmos nossas capacidades, demonstrarmos nossa criatividade e provarmos nosso valor. Perde-se de vista aqui o antigo estatuto passivo do trabalhador, que agora passa a ser encarado como um indivíduo ativo, combativo, com metas e objetivos, competências e capital tal qual uma empresa.

Analisando um texto de Bob Aubrey (1994), autor importante nesse segmento de literatura voltada para os negócios e a autoajuda, Dardot e Laval (2016) identificam uma proposta de desenvolvimento social pautada nessa ideia — neoliberal — de que o indivíduo não deve se enxergar mais apenas como um trabalhador, mas como uma empresa que oferece



um serviço em um determinado contexto de mercado. Através de uma citação extraída do texto de Aubrey, os autores franceses sintetizam o argumento:

Todo trabalhador deve procurar um cliente, posicionar-se no mercado, fixar um preço, gerir seus custos, fazer pesquisa-desenvolvimento e formar-se. Enfim, considero que, do ponto de vista do indivíduo, seu trabalho é sua empresa, e seu desenvolvimento define-se como uma empresa de si mesmo. (AUBREY, 1994 apud DARDOT; LAVAL, 2016, p. 335)

Para Dardot e Laval (2016), portanto, a empresa de si mesmo é uma maneira de estar no mundo e se relacionar consigo e com os outros que permeia todos os domínios da vida e atravessa todas as relações. Caracteriza-se como uma resposta direta aos processos de transformação ocorridos no interior do mundo do trabalho, discutidos no capítulo anterior, que mudaram radicalmente as regras do jogo e praticamente exterminaram a ideia de trabalho como uma relação salarial entre patrão e empregado. Em um cenário econômico marcado pela incerteza, o trabalho passou então a ser concebido como uma espécie de produto cujo valor passou a ser objeto de gestão, cálculo, investimento e desenvolvimento por parte do próprio trabalhador.

Apesar da ênfase dada ao mundo do trabalho nesta pesquisa, a empresa de si mesmo atravessa todos os domínios da vida dos sujeitos, porque, conforme discutido anteriormente, o neoliberalismo se caracteriza como uma racionalidade. Essa conceptualização nos permite, portanto, compreender as mudanças em curso não só no âmbito da vida profissional, mas também na lógica das relações amorosas, nas formas de religiosidade e espiritualidade, na educação, na saúde e na política. Isso pode ser observado a partir de diversos exemplos cotidianos: do estudante que deve ser empreendedor do seu próprio saber até a lógica concorrencial que se estabeleceu no “mercado de relacionamentos” a partir da criação e difusão de aplicativos para facilitar encontros amorosos, como o Tinder.

A racionalidade neoliberal engloba todos os domínios da vida. Entretanto, Dardot e Laval (2016) argumentam que essa racionalidade não é, de maneira alguma, imediatamente evidente. Essa atitude social ou modo de agir e estar no mundo precisa ser aprendido, desenvolvido, adquirido através de uma série de práticas que o indivíduo exerce sobre si mesmo. Em outras palavras, para se tornar um empresário de si mesmo e valorizar o próprio capital humano, o sujeito deve desenvolver técnicas e estratégias que o tornem mais competitivo, autônomo, responsável e “racional” em todas as suas decisões. Nesse sentido, para os autores, trata-se de uma verdadeira ascese. Esse conceito foi bastante trabalhado por Foucault em seus estudos sobre a filosofia antiga e se refere, de maneira geral, aos exercícios e às práticas

que tem por objetivo a produção de um eu próximo de um ideal difundido por determinado discurso. Nesse contexto, portanto, a empresa de si se caracterizaria como o ideal de sujeito proposto pelo discurso neoliberal.

Portanto, a ideia central que deve ser salientada dentro dessa discussão é a de que, parafraseando Simone de Beauvoir, ninguém nasce empresário de si, mas torna-se empresário de si. De acordo com Dardot e Laval (2016), diferentes técnicas são mobilizadas pelo discurso neoliberal para atingir esse fim: *coaching*, programação neurolinguística, análise transacional e outros diversos procedimentos vinculados a um “guru” ou uma “filosofia” empresarial são alguns dos exemplos citados pelos autores para ilustrar essas técnicas que visam a produção de sujeitos melhor adaptados à realidade sob o império do neoliberalismo. Tais metodologias podem ser desenvolvidas dentro e fora das empresas. Há, nesse aspecto, um postulado fundamental: o desenvolvimento pessoal pode trazer consequências positivas para o trabalho e vice-versa. Dessa maneira, o neoliberalismo consegue diluir as fronteiras entre vida pessoal e trabalho de forma a instaurar uma racionalidade que englobe todos os âmbitos da vida humana.

Segundo Dardot e Laval (2016), essa tendência do neoliberalismo de borrar os limites entre a vida pessoal e o trabalho explica o motivo pelo qual as empresas têm buscado cada vez mais selecionar seus funcionários a partir de critérios absolutamente intangíveis, como traços de personalidade e comportamentais. Já não basta mais simplesmente saber desempenhar a função para qual foi designado: o trabalhador também precisa demonstrar “proatividade”, “determinação”, “espírito de liderança”, “elevada autoestima”, “cooperação”, entre outros atributos morais e psicológicos. Nesse sentido, a apresentação de si mesmo passa a ser um desafio estratégico para trabalhadores e empresas: de um lado, os trabalhadores precisam encontrar meios para desenvolver e demonstrar, além das suas aptidões, as características requisitadas pela “cultura” da empresa; do outro lado, as empresas precisam criar mecanismos eficazes para identificar esses atributos em seus futuros “colaboradores”.

Entretanto, os teóricos franceses salientam que “se o indivíduo deve ser ‘aberto’, ‘síncrono’, ‘positivo’, ‘empático’, ‘cooperativo’, não é para a felicidade dele, mas sobretudo e em primeiro lugar para obter do “colaborador” o desempenho que se espera dele” (DARDOT; LAVAL, 2016, p.343). Em outras palavras, todo esse discurso e todas essas técnicas para desenvolver “qualidades” ou para se tornar um empresário de si não visam primordialmente a satisfação ou a melhoria da qualidade de vida das pessoas, mas a produção de subjetividades “eficazes” que possam servir de instrumentos para os interesses da empresa. Trata-se de adestrar indivíduos para que os mesmos possam viver em harmonia com um mundo cada vez mais

caótico, incerto e complexo, de maneira que “o domínio de si mesmo coloca-se como uma espécie de compensação ao domínio impossível do mundo” (DARDOT; LAVAL, 2016, p.342).

Em suma, podemos concluir que o empresário de si é produto da articulação entre o discurso neoliberal e a difusão de técnicas de domínio de si mesmo. Guiado por ideais de controle de si e eficácia em todos os âmbitos da vida, o sujeito neoliberal também é resultado de um mundo cada vez mais competitivo e volátil. Nesse sentido, o indivíduo é o ponto de ancoragem dentro desse contexto de risco e absoluta instabilidade: é função dele investir em si mesmo continuamente, pois é dele e somente dele a responsabilidade pelo seu sucesso e, conseqüentemente, pelo seu fracasso. Entretanto, todas essas estratégias não conferem suficiente segurança, estabilidade, e não mitigam a instabilidade estrutural, que é a âncora de todo esse processo que visa a satisfazer o sistema produtivo neoliberal e não aos sujeitos.

#### **4.2 Estabelecendo uma “marca profissional”: o LinkedIn e o sujeito neoliberal**

A partir dessa discussão conceitual, podemos refletir um pouco sobre as possíveis relações que se podem estabelecer entre o neoliberalismo e o LinkedIn. Em primeiro lugar, é possível estabelecer uma relação bastante direta entre determinados critérios para o aumento de visibilidade dentro da plataforma, impostos pelo próprio LinkedIn através de seus algoritmos, e o modo de estar no mundo do sujeito neoliberal, discutido anteriormente. Esses critérios foram apresentados no primeiro capítulo, mas é válido retomá-los aqui. São eles:

1. Estabelecimento de marca profissional: complete seu perfil tendo seu cliente em mente. Publique conteúdo útil para se tornar um líder inovador no setor.
2. Localização das pessoas certas: Encontre os clientes certos com mais precisão em menos tempo utilizando ferramentas de pesquisa eficazes.
3. Interaja oferecendo insights: Compartilhe atualizações que iniciem o diálogo e fortaleçam relacionamentos.
4. Cultive relacionamentos: Cultive relacionamentos com decisores para fortalecer sua rede.

Antes de tudo, é importante reforçar que esses critérios podem ser consultados por qualquer pessoa no próprio site do LinkedIn e foram apenas copiados aqui para que possamos analisá-los. Além disso, os usuários da plataforma podem inclusive calcular a eficácia geral de seus perfis com relação a esses critérios através do *Social Selling Index* (SSI), ferramenta criada

pelo próprio LinkedIn para esse fim, que também foi apresentada no primeiro capítulo deste trabalho. Há ainda uma quantidade infinita de conteúdo disponível na internet sobre como obter sucesso na plataforma, que notoriamente se baseiam nessa configuração do LinkedIn. Nota-se, portanto, que não se trata, de maneira alguma, de uma informação irrelevante ou sem propósito. A divulgação dos critérios a partir dos quais a plataforma opera afeta diretamente os usos que são feitos dela, formatando o comportamento dos próprios usuários, que se adequam para obter maior visibilidade e, conseqüentemente, maior sucesso com relação aos seus objetivos na rede.

Partindo para a análise desses critérios, podemos facilmente identificar uma correlação direta com o discurso neoliberal em pelo menos um deles. O critério número um diz respeito ao estabelecimento de uma “marca profissional”. Aqui, a relação com a ideia neoliberal, discutida na seção anterior, do trabalhador como empresário de si é bem evidente. O usuário deve se comportar como uma marca e encarar os outros usuários e as empresas presentes na plataforma como potenciais “clientes”. Desaparece aqui a imagem do trabalhador “passivo” e surge a figura que, para além de um trabalhador, é um sujeito autônomo, com metas e objetivos, com foco em clientes específicos assim como uma empresa.

Além disso, o usuário deve também publicar “conteúdo útil para se tornar um líder inovador no setor”. Obviamente, essa exigência tem o objetivo de atrair e manter mais usuários na rede. Contudo, o aspecto interessante de ser salientado aqui é a própria necessidade de criar conteúdo e seu respectivo objetivo, a saber, tornar-se um “líder inovador no setor”. Ou seja, além de desenvolver as habilidades necessárias para realizar suas funções, o trabalhador deve também criar conteúdo para seus contatos na rede a fim de que possa ser visto pelos demais usuários (ou “clientes”) de maneira positiva. Dessa maneira, criar conteúdo na rede passa a ser uma estratégia fundamental na gestão da própria “imagem” ou “marca profissional” no mercado de trabalho. Trata-se, portanto, de uma mudança significativa na concepção de trabalhador e do que vem a ser sua responsabilidade: para além da força de trabalho, o trabalhador traz consigo uma imagem, uma marca profissional a ser gerida, desenvolvida e protegida. Nesse sentido, o LinkedIn se apresenta como a ferramenta que pode auxiliar o trabalhador a realizar essas novas tarefas.

Essa leitura pode ser corroborada pelas ideias, já mencionadas no primeiro capítulo deste trabalho, do criador do LinkedIn, Reid Hoffman. Em seu primeiro livro *The Start-up of You*, traduzido para o português como “Comece por Você: adapte-se ao futuro, invista em você e transforme a sua carreira”, Hoffman defende a ideia de que todo trabalhador deve pensar e se comportar como uma pequena empresa. Ora, o ideal neoliberal do sujeito como empresário de

si mesmo é evidente nesse argumento. Na própria sinopse da obra, podemos identificar outros elementos que sintetizam a proposta neoliberal discutida na seção anterior:

As startups – e os empreendedores que as dirigem – são ágeis. Eles investem em si mesmos. Constroem suas redes profissionais. Correm riscos inteligentes. Fazem a insegurança e a volatilidade trabalharem em seu favor. Essas são as mesmas habilidades de que os profissionais precisam para ter sucesso nos dias de hoje.

A concepção do LinkedIn, explicitada através de seus algoritmos e pelo próprio discurso de seu fundador, do que é e como deve ser o trabalhador se torna, portanto, bastante clara. Nessa perspectiva, o trabalhador não é simplesmente aquele que exerce determinada função para uma empresa que, em troca, o remunera pelo serviço prestado. Essa seria uma visão desatualizada do que significa estar no mercado de trabalho na contemporaneidade. Em um contexto de constante risco, volatilidade e incerteza, seria mais adequado, desse ponto de vista, pensar o trabalhador como uma pequena empresa, um empresário de si mesmo. Em outras palavras, investindo em si, desenvolvendo as habilidades certas, estabelecendo conexões úteis, gerindo a própria marca profissional e projetando a imagem correta para seus “clientes”, um indivíduo poderia obter bastante sucesso na própria carreira. Em suma, o ideal a ser perseguido é o do empresário de si mesmo, o sujeito que está disposto a oferecer tudo de si para o sistema supondo que os benefícios são exclusivamente seus.

### **4.3 Entre os algoritmos e a disciplina: o LinkedIn e a normalização da racionalidade neoliberal**

Dentro desse contexto e para uma análise crítica do fenômeno, torna-se necessário ressaltar a importância vital dos algoritmos na condução dos comportamentos dos usuários dentro da plataforma. Embora os usuários sejam, em certo sentido, livres para interagirem e utilizarem a tecnologia da maneira que desejarem, há um regime bastante rígido de visibilidade que controla quem ganha destaque ou não nesse ambiente virtual. Ora, sabe-se que para obter os benefícios que a plataforma pode oferecer em termos de estabelecimento de conexões profissionais importantes e projeção de uma imagem positiva de si, ser visto é uma pré-condição. Dessa forma, podemos compreender que essa suposta condição de liberdade dos usuários de se comportarem da maneira que preferirem dentro da plataforma é, no mínimo, limitada.

Esses algoritmos funcionam, portanto, como mecanismos de controle, que premiam uns em detrimento de outros a depender do comportamento apresentado no contexto da plataforma

digital. Em certo sentido, eles se assemelham, em grande medida, com as estratégias de controle, vigilância e punição descritas por Foucault (1975) no contexto das sociedades disciplinares. Para o autor francês, o poder disciplinar representava uma nova forma de exercício do poder que se diferencia das precedentes por dar enfoque estratégico à produção de corpos submissos e adestrados para a reprodução de determinadas condutas. Ao contrário do poder soberano, que se caracterizava pela centralidade da figura do monarca e pelo derramamento excessivo de sangue, o poder disciplinar, por meio de diferentes estratégias e apoiado em distintos discursos e saberes, se automatizou e se capilarizou por todo o corpo social. Trata-se, portanto, de uma forma de poder que não se resume apenas ao caráter negativo da repressão, mas que se interessa muito mais pela positividade, ou seja, a produção de realidades e a normalização de determinados comportamentos. Nas palavras de Foucault:

Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”. Na verdade, o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. (FOUCAULT, 1975, p.161)

Na busca por essa produção de realidade, o poder disciplinar, através de diferentes estratégias e discursos, impõe também uma norma. O sentido da norma é promover a difusão e a adoção, por parte dos indivíduos, dos comportamentos socialmente entendidos como normais. Dessa maneira, os sujeitos, voluntariamente, adequam suas condutas ao que é considerado a norma, legitimada socialmente. Essa estratégia obteve sucesso em virtude, principalmente, de seu baixo custo político e econômico: torna-se muito mais fácil promover essa autoconformação dos indivíduos do que os gerir de maneira próxima e constante. Joel Lazzarin (2007) sintetiza, de forma muito clara, essa função da norma nas sociedades em que o poder disciplinar atua:

Sem perceber a estratégia de dominação que se mascara por trás da verdade cientificamente afirmada, crê que age no cumprimento estrito do papel social que lhe cabe como pai zeloso, consumidor dócil, trabalhador responsável, filho obediente, aluno respeitoso. É este o efeito que o poder normalizador logra produzir através da norma: o governo de pessoas, mediante o direcionamento das suas condutas àquelas práticas que efetivamente lhes promova o ajustamento estrutural. [...] Convertida em norma, a verdade estabelece as pautas de comportamento, em função de cuja conformidade ou não, somos julgados, condenados, punidos ou premiados. (LAZZARIN, 2007, p. 99)

A partir dessas reflexões acerca das diferentes estratégias pelas quais o poder opera, talvez possamos pensar os algoritmos do LinkedIn como uma espécie de dispositivo de vigilância e punição que molda o comportamento dos usuários dentro da plataforma. Isto é, aqueles que utilizam a ferramenta digital da maneira “correta” — ou seja, de acordo com os critérios apresentados na seção anterior — são premiados com um ganho de visibilidade

proporcionado pelos algoritmos. Da mesma maneira, os usuários que não se conformam às tais determinações da plataforma são “punidos” com a invisibilidade.

Podemos pensar também que essa maneira “correta” de fazer uso do LinkedIn funciona, portanto, como uma norma. Essa norma está fundamentada em uma série discursos e práticas, conforme discutido nas seções anteriores deste trabalho, que dão sustentação para a racionalidade neoliberal. Dessa maneira, para o LinkedIn, o usuário ideal é aquele que se coloca e se apresenta, ao menos dentro desse ambiente digital, como um empresário de si. Todas as formas de estar e se relacionar com os demais usuários que se distanciam da maneira dita ideal, ou seja, pensando a si mesmo como uma marca e os demais como clientes, têm grandes chances de não prosperar em relação aos seus objetivos dentro da plataforma digital.

Dentro desse contexto, há ainda um outro aspecto interessante de ser salientado. Essa norma, de conteúdo marcadamente neoliberal, instituída pelo LinkedIn através de seus algoritmos não está inteiramente oculta (ao contrário de outras plataformas de redes sociais digitais como Facebook, Instagram, Twitter, etc.). Conforme discutido na seção anterior, ao menos quatro critérios nos quais os algoritmos se baseiam são, não apenas divulgados, mas também difundidos. O LinkedIn inclusive criou uma ferramenta digital disponível para todos, o *Social Selling Index* (SSI), que avalia e metrifica (em uma escala numérica que vai de zero a cem) a adequação dos perfis dos usuários em relação a esses critérios. Dessa maneira, as pessoas podem, ativamente, perseguir um melhor desempenho com relação a essas métricas, o que implica em um processo de intensificação da adaptação à normatividade neoliberal imposta pelo LinkedIn.

Trata-se, portanto, de uma prática que, embora estabelecida por um outro, é aceita e internalizada pelo indivíduo. Através de mecanismos de autoavaliação e domínio de si, que são bastante característicos da racionalidade neoliberal e foram abordados nas seções anteriores, o sujeito aplica técnicas sobre o próprio comportamento para se adequar à norma. Nesse sentido, há ainda um outro aspecto interessante dessa ferramenta: desenvolvendo as técnicas de metrificação e autoavaliação, o *Social Selling Index* (SSI) eleva o grau da concorrência, já bem presente no mundo sob o império do neoliberalismo, colocando os sujeitos para competirem não apenas entre si, mas também consigo mesmos.

Dessa maneira, é necessário estar advertido do fato de que apenas as reflexões de Michel Foucault apresentadas anteriormente não são suficientes para dar conta da complexidade do objeto em estudo neste trabalho. Entretanto, mesmo ciente das suas limitações, essas reflexões

podem se configurar como importantes ferramentas conceituais para pensar a problemática em desenvolvimento. Sendo assim, o que se pode depreender dessas discussões é a forma como o LinkedIn pode ser compreendido não apenas como um produto das transformações sociais em curso desde o advento do neoliberalismo — ideia trabalhada no segundo capítulo deste trabalho —, mas também como uma tecnologia que tem atuado diretamente no processo de reprodução e normalização da racionalidade neoliberal.

Seja através dos algoritmos ou dos discursos que os fundamentam (proferidos ou não pelo fundador da empresa), o LinkedIn promove a adequação do comportamento dos usuários na plataforma a um ideal subjetivo estritamente neoliberal, isto é, o empresário de si. Retomando uma das ideias do primeiro capítulo, podemos, portanto, constatar que as mídias sociais digitais, enquanto tecnologias da informação, não são neutras. Dessa maneira, torna-se de fundamental importância investigar, de maneira crítica, os interesses que atravessam e os mecanismos pelos quais operam essas tecnologias.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se dedicou a realizar uma articulação entre os processos de transformação sociais, políticas, econômicas e subjetivas em curso desde o início da expansão do neoliberalismo no mundo e o aparecimento e desenvolvimento do fenômeno LinkedIn. Buscou-se pensar o LinkedIn inserido dentro do contexto dessas mudanças sociais mais amplas e identificar os possíveis pontos de convergência entre eles. Procurou-se, no segundo capítulo, discutir como a revolução da tecnologia da informação, evento do qual o surgimento do LinkedIn é consequência direta, forneceu as bases materiais e culturais necessárias para a intensificação dos processos de globalização do neoliberalismo no mundo.

Essa discussão teve por objetivo reforçar o argumento, presente em todo o trabalho, da não neutralidade das tecnologias da informação. Essa ideia vai de encontro ao senso comum, que costuma pensar a tecnologia enquanto pura técnica, completamente desprovida de ideologia ou intenções humanas por trás do funcionamento da mesma. É, portanto, desse argumento que partiu a ideia de pensar o fenômeno LinkedIn a partir das conexões que se podem estabelecer com o contexto em que está inserido, em especial, com os aspectos relacionados ao neoliberalismo.

Dessa maneira, visou-se, no terceiro capítulo, primeiramente, o apontamento de um conceito de neoliberalismo que pudesse dar conta da discussão proposta. A definição adotada pela pesquisa, proposta por Dardot e Laval (2016), compreende o neoliberalismo enquanto uma racionalidade que promove o autogoverno dos indivíduos a partir de ideais e valores típicos de mercado. Enquanto racionalidade, o neoliberalismo, portanto, não afetaria somente as decisões políticas e econômicas de uma determinada nação, mas todas as esferas da vida coletiva e individual. Diante disso, ainda no terceiro capítulo, buscou-se identificar em quais aspectos o neoliberalismo teria afetado as transformações que aconteceram e continuam acontecendo no mundo do trabalho desde o fim dos anos 1960.

Esse debate se mostrou fundamental para compreendermos como o fenômeno LinkedIn pode ser pensado também enquanto resultado ou resposta à essas mudanças no mundo do trabalho operadas pelo neoliberalismo. Diante de um mundo cada vez mais incerto e no contexto dos modelos flexíveis de produção, o LinkedIn aparece como ferramenta capaz de fornecer um ponto de apoio para que os trabalhadores e trabalhadoras possam navegar, com um pouco mais de segurança, no mar revolto do mercado de trabalho contemporâneo. Do ponto de vista da plataforma, portanto, a manutenção da configuração neoliberal do mundo parece ser

interessante, pois esse contexto de alto risco e volatilidade é pré-condição para que os indivíduos tenham a necessidade de utilizar a mídia social como recurso para criar meios de construir um pouco mais de estabilidade na vida profissional

Ainda visando, no quarto capítulo, a articulação entre o neoliberalismo e o fenômeno LinkedIn, foi proposta a discussão sobre os efeitos da racionalidade neoliberal para a subjetividade humana. Para tanto, primeiramente, trabalhamos o conceito de “empresário de si”, proposto por Foucault (2004) e desenvolvido também por Dardot e Laval (2016). Esse conceito forneceu a base teórica necessária para pensar os efeitos do neoliberalismo na relação dos indivíduos com o próprio trabalho. A partir disso, foi realizada uma análise dos critérios, divulgados pela própria empresa, a partir dos quais os algoritmos do LinkedIn funcionam e foi possível identificar uma conexão direta entre pelo menos um dos critérios e essa noção de empresário de si. Disso depreendeu-se que o LinkedIn, a partir de seus algoritmos, influencia o comportamento dos usuários, oferecendo a eles a possibilidade de ganhar maior visibilidade dentro da plataforma. Essa influência, conforme analisado no capítulo, se dá de maneira bastante semelhante aos mecanismos de vigilância e punição propostos por Foucault acerca das sociedades disciplinares e ocorre no sentido da construção de um entendimento de si enquanto empresário da própria vida profissional, e não mais como um trabalhador “passivo”. Trata-se de uma nova concepção do que é ser trabalhador e das responsabilidades do mesmo enquanto tal.

É válido ressaltar que, em função do escopo amplo, a pesquisa apresenta algumas limitações. Uma delas se refere justamente à amplitude do recorte dado ao tema. Por conta disso, muitos dos temas trabalhados não foram tão aprofundados quanto poderiam ser. A ideia era mesmo oferecer um panorama mais geral desse debate, principalmente por conta da falta de estudos sobre o assunto. Contudo, isso, de fato, traz algumas limitações teóricas para a pesquisa. Além disso, temos consciência de que essa pesquisa teórica seria mais interessante se embasada também por uma pesquisa empírica. Muitos tópicos relevantes poderiam ser revelados a partir de um trabalho de campo adequado. Por isso, este trabalho não está, de maneira alguma, encerrando o debate acerca do tema. Muito pelo contrário. Recomenda-se que mais pesquisas sejam realizadas, principalmente no campo da comunicação social.

Recortes mais restritos dentro desse tema podem ser interessantes para as futuras pesquisas da área. Pode-se, por exemplo, estudar mais especificamente a questão dos algoritmos do LinkedIn, aprofundando as investigações acerca de seu funcionamento e analisando, a partir de dados empíricos, os efeitos causados nos usuários. Além disso, pode-se ainda analisar, de

maneira mais detalhada, a relação do LinkedIn com o mercado de trabalho, fazendo um recorte mais específico de classe, gênero ou raça no contexto de alguma cidade brasileira. Dessa maneira, poderemos ter uma visão ampliada e melhor embasada do fenômeno estudado nesta pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCOFORADO, Fernando. **Globalização**. São Paulo: Nobel, 1997.
- ALVES, Giovanni. **Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios de sociologia do trabalho**. 2. ed. Bauru: Canal 6, 2007.
- ALVES, Giovanni. Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal: Precarização do trabalho e redundância salarial. **Revista Katálysis**, v. 12, n. 2, p. 188–197, 2009.
- ANTUNES, R. **Trabalho e precarização numa ordem neoliberal**. In: GENTILI, P.; FRIGOTTO, G. (Org.). *A Cidadania Negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 37-50.
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CARCANHOLO, Marcelo Dias. **Crise econômica atual e seus impactos para a organização da classe trabalhadora**. AURORA, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 1-10, agosto, 2011. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/issue/view/123/>>. Acesso em: 08 de mai. de 2021.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz & Terra, 1999.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1975.
- GASPAR, Ricardo Carlos. A trajetória da economia mundial: da recuperação do pós-guerra aos desafios contemporâneos. **Caderno Metropolitano**. São Paulo, v. 17, n. 33, p. 265-296, maio, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-99962015000100265&lng=pt&nrm=iso/](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-99962015000100265&lng=pt&nrm=iso/)>. Acesso em: 08 de mai. de 2021.
- HARVEY, David. **Neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- KRISHNA, S. **Globalization & Postcolonialism: Hegemony and Resistance in the Twenty-First Century**. New York: Rowman & Littlefield Publishers, 2009.
- LAZZARIN, Joel. **Os dispositivos de poder e a construção da subjetividade do excluído em Michel Foucault: implicações jurídicas e desafios sociais**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Filosofia. Porto Alegre, p.149, 2007.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2009.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Cortez, 1998.

RAMOS, Leonardo Cesar. **A sociedade civil em tempos de globalização**: uma perspectiva neogramsciana. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p.219. 2005.

ROSE, Nikolas. **Inventando nossos selfs: Psicologia, poder e subjetividade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **A Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

SCHOLTE, Jan Aart. **Globalization: a critical introduction**. New York: Palgrave, 2000.